

Rev. 01 1317

# CONTRABANDISTAS!

GRANDE REPORTAGEM DE JOÃO FALCATO

(VEJA AS PÁGINAS DOZE E TREZE)



**QUE PENA A FRUTA  
SER SÓ PARA OS RICOS!**

VER REPORTAGEM NAS PÁGINAS 14 E 15



**VIDA MUNDIAL  
ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



Pormenor dum presépio de Machado de Castro

EM 19 de Junho deste ano da graça de 1946, completaram-se duzentos e vinte e cinco anos sobre o nascimento, em Coimbra, dum dos maiores escultores portugueses de todos os tempos: Machado de Castro — o estatuariu insigne da memória de D. José I, erecta no Terreiro do Paço, em Lisboa.

Como há muitos portugueses desconhecedores da biografia deste vulto glorioso da História Pátria, «Vida Mundial Ilustrada» regista-a, em ligeira síntese.

Machado de Castro fez os seus primeiros estudos com os jesuítas, na sua cidade natal. Desde a puerícia revelou espírito robusto, notável curiosidade intelectual, mentalidade superior afeccionada a qualquer lição, alma inspirada de artista.

Após a morte da mãe querida, e porque a ansia de dedicarse à escultura o atraía, mal perfex os seus quinze anos partiu para Lisboa.

Recebeu as primeiras lições de cinzel do mestre imaginário Nicolau Pinto. Tão notavelmente se manifestou o talento robusto e criador do discípulo que, em breve, o mestre lhe confiava a modelação das imagens que deixava

mais perfeitais e lhe sollicitava conselhos e opiniões sobre os seus próprios trabalhos.

Esgotando a aprendizagem na oficina de santelmo, sórdago de ascender a mais alto plano, entrou Joaquim Machado de Castro na escola do célebre escultor português do século XVIII, José de Almeida. Este, a expensas de D. João V — o Magnânimo — protector e amador das artes plásticas, estudara e aperfeiçoara-se em Roma, em contacto com as inmortais obras primas da escultura.

Nas obras do Convento de Mafra, em 1756, Machado de Castro subia a ajudante do insigne estatuariu romano Alexandre Giusti, que o distinguia com a sua ternura, a sua carinhosa estímulos.

All trabalhou catorze anos, assiduamente, embora nas horas vagas dos seus deveres, junto do mestre, para satisfazer instâncias de muitos admiradores, fôsse esculpindo imagens, burlando e cinzelando obras-primas. Trabalhador infatigável, prodigalizava o seu talento pujantíssimo, abateu a interesses económicos, às explorações continuas com que o assediavam, mas celebrizando-se incessantemente.

Foi em 1770 que, na estátua equestre de D. José I, venceu a sua guerra

sublime e ascendeu ao triunfo impercível, à immortalidade. Em competência com afamado escultor estrangeiro, o seu projecto, contra o habitual e desnationalizado critério negativista dos valores nacionais, tanto da feição portuguesa, foi preferido o de Machado de Castro. Como raridade e positivamente sem recidiva, desmentis-se a afirmação feita pelo nobre oratoriano, Padre Manuel Bernardes: «Para um ter fama de grande scultor, currigido em estrangeiro, bastam quatro dias depois que se entender que é estrangeiro».

Cinco meses apenas foram concedidos ao artista para apresentar o modelo em gesso, que não correspondeu integralmente aos desejos do escultor, sempre insatisfeito, como todos os artistas de verdade, quer modificar a composição, para exprimir sentenças encontradas na plasticidade, pela sua sensibilidade estética. Não lho consentiram — motivo de cruciante amargura para a sua alma.

O engenheiro Bartolomeu da Costa dirigiu os trabalhos da fundição, com extrema proficiência. O facto deste engenheiro gravar o seu nome no monumento, irritou muitos dos seus oficiais conhecedores das glórias da sua terra, a atribuírem-lhe a autoria da obra maravilhosa.

Extensa e bellissima é a galeria das obras-primas de Machado de Castro, dispersa na posse de particulares, muitos ignorantes dos seus tesouros, em Portugal e no Brasil.

Dispondo de sóttas variada cultura — música, poeta, orador, dominando vários línguas europeias, Machado de Castro honrou e illustrou a Arte Nacional, como poutos, e legou à posteridade alguns livros didácticos, sobre Estatística, que deviam andar nas mãos de todos os alunos de Belas Artes. Escreeva ainda: «Elogio de Vieira Portuense» e «Memória do monumento do Terreiro do Paço».

Lente da aula de Escultura, durante cincoenta e seis annos, de grande oração, o seu desapego pelo dinheiro não lhe permitiu deixar as filhas ao abrigo

da pobreza, apesar do seu trabalho exaustivo, durante um longa vida.

A imperatriz Catarina II da Rússia convidou Machado de Castro a instalar-se no seu palácio, em Petersburgo, ás privilegiadas condições pecuniárias e altas distincções honoríficas.

Machado de Castro preferiu a pobreza, e os regatinhos galardões — moda que entre os portugueses se brindam e retribuem os méritos dos naturais — à riqueza, à magnificência, em terra alheia.

Deixou quatro filhos — dois homens e duas senhoras, ambas solteiras. A morte do pai — como a do lastimável costume da época — com arrimo e sem habilitações para o trabalho, estas foram condemnadas a viver na indigência. A pensão, legada pelo pai, não lhes chegava para decente passadio, nem positivamente para não morrerem de fome.

Só largo tempo decorrido e depois das infelizes sofrerem humilhantes privações, ol poderes públicos cumpriram o dever cívico de libertar da penúria as dependentes infortunadas do genial escultor — vítimas da errada, imprevidente e pernicioso impreparação fêmea do pai. Mas, não se lembrava de ensinar as mulheres a bastarem-se, pelo seu trabalho. Vítimas ainda da falta de cultura, do amor patriótico do glorioso escultor que o levaram a semente riquezas, sem atender à colheita, e a recusar as propostas duma imperatriz que, apesar dos seus defeitos, se nobilitava, honrando artistas e homens de valor, fôsse qual fôsse a sua pátria.

Machado de Castro morreu com 91 annos, em 7 de Novembro de 1822.

Londres, Paris e outras capitais estrangeiras, pela voz justiciera dos seus respectivos jornais, entoaram coros entusiásticos de louvores à obra do nobre e modesto escultor, concedido tributo de admiração, considerando o seu desaparecimento verdadeira perda mundial.

EMILIA DE SOUSA COSTA

**UM HOMEM QUE GANHA A VIDA VENDENDO A CRÉDITO**

A sua casa é um café modesto, no coração da «Alta», em Coimbra, onde vivem os estudantes que não sabem contar. Universidade. E é lá que o «Pirata», num despendido às almas pequenas que não sabem contar, ganha dinheiro com o mais arriscado de todos os negócios: vender a crédito.

Trinta annos correram desde o dia em que lançou essa modalidade que o havia de tornar célebre entre os estudantes que lhe frequentam o estabelecimento e que encontram ali, sem necessidade de abonadores, sem recommendações, sem apresentação, crédito limitado desde o primeiro dia em que entram ali que saem da Universidade. E o pequeno café transformouse numa espécie de Museu da Academia, numa quase instituição universitária. As paredes estão revestidas de todos os artigos forma se relaciona com os estudantes. Quando um curso termina, em manifestação de reconhecimento por cinco annos de crédito aberto, oferece ao «Pirata» antes de deixar Coimbra, uma fotografia. E as paredes estão cobertas dessas recordações. De cima abaixo revestidas de fotos de todos os estudantes, que frequentaram a Universidade de há trinta annos para cá e que, aproveitando a generosa confiança de «O Pirata», expressam assim a sua amizade.

Joaquim Inácio visto por um estudante inscrito nos «Códigos do Cáes».

O «Pirata» sobre os «Códigos do Cáes»

Esse estudantes são hoje vida da nação, ministros, escriptores, juristas, contadores, professores, advogados, etc. E de há trinta annos não cá, sem desdém, sem vacillações, «O Pirata» — Joaquim Inácio de seu nome — não se cansa de vender a crédito.

O estudante entra no café, bebe e come. Em cima duma mesa está um livro sebo pelo uso do Código — onde o estudante inscreve, pelo seu próprio punho, o montante da despesa. «O Pirata» — que é o só de nome — não fiscaliza, não controla, nem toma contacto com o estudante para o registro do débito.

Joaquim Inácio não sabe ler? O livro fêz-se, na verdade, fechado e sebo. All aguarda a vinda de novo frequentador que depois de satisfazer appetite, lhe inscreva a conta.

E assim, sempre, desde o primeiro dia...

Nun amo, centenas e centenas de nomes de estudantes, enchiam normalmente, todas as folhas de três encolmes livros — Os Códigos dos Cáes — códigos que, para mais fácil verificação, são nomes inscritos na lombada e no frontispício, nome de todo o estudante. «Miséria! Dourada», o «Abono de Família» e o «Marruquino».

Os dois primeiros foram preenchidos na alfira deste anno, estando os débitos a fazer-se debaixo do signo de «Marruquino».

Consultar um desses livros para liquidar conta atrasada é episódio pitoresco. A toda a lhaça ligada uma anedota, um gracejo, um ditto espirituoso.

Tudo o «Pirata» conta com pormenores, com carinho. Por vezes, ao partir de Coimbra para a vida, o estudante, antes de abandonar o seu nome do código, «O Pirata» não fica triste. E que reside nesse

# UMA NOITE CELEBRE



MOSINHO DE ALBUQUERQUE

**E** subida a má vontade dos políticos do tempo contra Mosinho de Albuquerque. Assim, quando este recebeu das grandes nações coloniais provas do maior apreço e consideração, a camarilha do paço não perdia ensejo de o desconvidar. Verdade que ele, aberto e ostensivamente, a desprezava...

A luta periódica, mesquinha, explodiu um dia, depois do visita ao norte do paço, pelo príncipe D. Luís Filipe.

Os factos ocorridos em Viana do Castelo foram causa das mais graves acusações no Parlamento.

Ora, os ocorrências de Viana, no noite memorável de 8 de Outubro de 1901 nunca foram bem explicadas... Exagerou-se, deturpou-se e ainda hoje, apesar de tantas biografias do herói africano e de tantos estudos sobre os derradeiros tempos do monarca, permanecem avvolto em densa mistério.

Em verdade, o que se passou foi apenas isto, segundo relatos típicos de pessoas que no acto figuraram:

**V**INDO de Braga a cavallo, na companhia de Mosinho e do professor alemão Herr Herausch, o príncipe almorçou hoje em Ponte do Lima no gabinete do Presidente da Câmara Municipal.

Ementa de gastrónomo, de que se encarregava o célebre Abade da Seara. Pedro e João Lima, Vinhos magníficos, preciosos, tanto pelo perfume como pela antiguidade, correram a ferro...

O real hóspede de colheito, sabando, e um milado de docinho, na sinpetra dos seus catorze anos, ficou longo tempo entredido a brincar com um bonito rício de água Democramora hora e meia e foi preciso que Mosinho o chamasse à realidade:

— Meu Senhor, são horas de partir. Mosinho andava como entontecido. A vila recebeu-o com verdadeiro delírio. Os vitais da multidão eram para ele, bem como para a sua figura angelical, o olhar curioso de todas as mulheres...

Voltaram os três a montar os fogosos cavalos numa verdadeira desfilada, se sumiram num vulcão de...

Foi o entusiasmo? A embriaguez?

estonteante da cavaldad? Quem o sabe!...

Dal começo a excentricidade que a todos espantou, vexou pessoas respeitáveis e desagradou a toda a população limiana.

Avistados da sua passagem, os povos das aldeias acorreram à estrada, enveredando-se para admirar, dominando, trazendo bráscos de flores e bandeirolas.

— Viva! Viva! Viva!...

Porém os cavaleiros passavam num relâmpago...

E a gente limiana que queria conhecer de perto a excentricidade dos três testemunhos de apreço, bem como ao herói africano cujos fellos os jornais não se fatiavam de exaltar, ficou descomulgada, apenas com a noção de duas figuras apocalípticas que surdiram e desapareceram no horizonte com a presteza dos géni da Arábia.

Em Lanheses, termo do conceito, esperavam os hóspedes, emperdigados nas suas fardas e fatos de ver a Deus, todos os representantes das forças vivas de Viana. Membros da Câmara Municipal, Director das Obras Públicas, Arcipreste do Julgado, Reitor do Liceu, Administrador do Conceito, Director da Alfândega, Secretário Geral do Governo, e outros...

O Largo da Feira estava embandeirado e festivo. Gente das bandas de fora, vindos de longe, tinham se mudrigada. Os caminhos da Serra de Arga, do Amonde e da Montaria, pareciam caravanas de formosa multidão...

Eram 5 horas quando eles apareceram na volta da estrada.

A aritmética rompeu com o Hino da Carta. Foguetes estrelaram no ar; ouviram-se palmas, vivório e o povoletto corria dum e do outro lado.

No alto dum palanque, adrede preparado para a recepção, o Presidente da Câmara preparava-se para lhes dar as boas vindas, desdobrando, apressado, os papéis do discurso...

— Viva! Viva! Viva!...

E os cavaleiros, na sua galopada doida, nem se dignaram voltar a cabeça!

O inódito acontecimento causou, como era natural, profunda estranheza. Houve hesitação, pânico mesmo...

Minutos depois, reflexos da surpresa, as palmas cessaram, e os Piratas, aos veículos e mandaram seguir de vagar, para Viana.

— Mas não, meus senhores, foram valentemente seguidos de perto por dois clivetes, em Lanheses, como muitos outros, preparavam para apredar as cerimónias da recepção. E contaram com a ajuda de um camilde da aldeia, chegando à freguesia de Lanheses, Mosinho e os companheiros se apressaram no tapachão de as aldeias, reconhecível, de longe, pelo clássico ramo de loureiro espetado à porta...

— Três célebes de aguardente! — mandou o herói.

— Os cavaleiros pararam também, esbaforidos, e limitaram os recém-chegados.

— Que tal? perguntou-lhes Mosinho, quando um vinho e equanto as borevas a bebida por um célice não irreperivelmente limpo.

— Não val nada mal! — respondeu-lhe o seu valentes, o sr. José Maria Torres de Oliveira, Sr. Santa Marta, julgando que se queria referir ao tremendo esforço da marcha. (Seria de fofoca? Mosinho não aludiu a nenhuma partidinha pregada aos homens bons de Viana?)

— Os cavaleiros saíram temendo nova competição com aqueles cavalos endiabrados.

Não viram que Afonsoinho pediu à velouta que servisse sopa de vinho aos hóspedes. E ainda que esta, voltando-se pelo plano que a estrada avia, teve a ingenuidade de perguntar:

— Anão o menino é que é o senhor príncipe?

— Não o sorriso de D. Luís Filipe, muito solícito, abençoou-o.

— Pois por muitos e muito fellos, meu menino, por muitos e fellos.

Em Santa Marta aconteceu o mesmo que das outras vezes. O sr. Maciel da Carta, vereador municipal, grande influente na aldeia, preparara uma manifestação condigna ao filho do soberano. Centenas de lavadeiras vestindo os lindos trajes regionais, bordavam a estrada toda; por mais de um quilómetro, atapatada de espadinas, bervas cheirosas e flores. As janellas ostentavam lindas coligaduras e mil bandeirinhas ondulavam ao vento.

— Eles aí vêm! Eles aí vêm!...

E eles passaram, mas a galope desenfreado, ante o pânico desagradado de toda aquela gente que, mesmo assim, lhes lançou flores...

Só pararam na Meadela, junto à igreja paroiqual quando viram as fardas dos elementos militares que os aguardavam.

As 16 horas deu a comitiva entrada na cidade. A Praça da Rainha estava aplinhada. Ptas janellas e varandas se aplainava e mais senhores.

E Mosinho continuou a ser o herói do dia:

— Viva! Viva! Viva!

Sua Alteza foi aclamado com palmas e vivas, indo hospedar-se no Grande Hotel Europa, o melhor da terra, que carpou antes passara por grandes melhoramentos.

Era quase noite. No frontispício e na janella principal do edificio distinguam-se, artisticamente dispostas e desenhadas a base de gás, as iniciais de S.A.P.L.F. — Sua Alteza Príncipe Luís Filipe.

A porta do hotel fazia a guarda de honra a Corporação dos Bombeiros Voluntários com a banda, que executou o hino nacional.

Sua Alteza assumiu à janella que enfrenta a Praça, acompanhado pelo governador civil, Mosinho, e outras individualidades em destaque. Os vivas da multidão recrudesceram.

O príncipe agradeceu, sorrindo, banhando a linda cabeça loira.

Depois retirou-se receber os cumprimentos das autoridades.

— Vossa Alteza está satisfeito com a recepção do nosso bom povo?

— Muito satisfeito!

As 7 horas e meia serviram o jantar, que foi muito bom.

Em seguida o príncipe voltou ao quarto, que se encontrava adornado com tudo quanto havia nas mais belas e colecções particulares, em mo-

bilário e objectos de arte.

As manifestações, fora, continuavam. Teve de tornar a aparecer. E não se conteve que não levantasse um Viva Viana, que foi delirantemente correato.

\*\*\*

Entretanto, no hotel, Mosinho chavou de parte o governador civil dr. José Maria Queiroz Veloso, e teve com ele este singular desabafo:

— Necessito de variar de meio. Estou farto disto até às pontas dos cabelos! Os meus nervos estão numa pilha... Ora aqui em Viana, como em toda a parte, deve haver um grupo de rapazes estudados, desses que se divertem delitando às urtigas todos os preconceitos de educação e de família. Era com eles que eu queria passar um boçado da noite, numa pataçada para desentorpecer...

O dr. Queiroz Veloso, como um filido à quem nada espanta, sorriu, coçou o queixo, e disse não sem encolher os ombros:

— Talves... se arranje...

E arranjou-se.

O governador falou ao seu secretário Joaquim Santiago, que deu as necessárias voltas... E, à noite, este apresentou Mosinho a José Alves de Freitas, que chefiava o bando mais irrequieto, mais boêmio da cidade.

— E então, verdade que o senhor maior...

— Nada de tratamentos delicados. A noite é nossa e eu não serrei mais que um rapaz que se diverte.

— Pois então vamos!

O ponto de reunião era numa tabernória da rua de S. Pedro, nos baixos dum prédio que faz esquina com a rua do Viarinho. Mosinho, gostoso do ambiente e dos jovens que lhe apresentaram e faziam parte do grupo.

Mandou abrir as portas (isto hoje está por nossa conta, caramba!) e na sua voz dita, habituada ao comando, ordenou:

— Vinho, para começar.

— Alto! — respondeu Zé Freitas. — Eu não posso beber sem comer primeiro. Que há para fazer hoje?

— Tenho umas sardinhas fritas...

— Vamos a elas!

O taqueiro trouxe uma enorme travessa de touca de Barcelos que foi colocada no balcão. José Freitas, de um salto, escarpapachou-se com a iguaria na frente. Mosinho, alguns minutos enormes pernas, ficou do outro lado, e quando, à mão, se atirou ao petisco enquanto se exclamava nas enormes malgas de verdades...

esquecimento, nessa conta que fica em aberto, a sua principal receita. Mas é mais anos volvidos, nas reuniões dos cursos, lá vêm os doutores, por vezes acompanhados das mulheres e dos filhos, em vista obrigatória ao «Pirata», riscar e liquidar com juros a conta esquerda. Põem então nessa visita ao café dos seus tempos de estudante, uma solemnidade enorme, e nesse riscar do nome, um estranho rítil. Folheiam todos os livros, em todos os nomes e vão recordando. Por vezes, diz o «Pirata» em confidência, as lígrimas misturadas com as lágrimas de saudade.

— É a mocidade que se vai!

— Cursos que não se reúnem, nem asseio de mandar riscar o nome e liquidar a conta com os juros. Por vezes fazem-no por uma forma bem curiosa.

— Já aqui está vindo filhox de outros estudantes que se entrarem para a Universidade, trazem dos pais, como incumbência dos primeiros passos na cidade, riscar o nome. E riscam, e... inscrevem-se!

— E o «Pirata», com um sorriso, exclamou:

— É da praxe...

E Joaquim Indício, o homem que ahiu estudantes que se entrarem em que trinta anos passaram pela Universidade, entra na sua casa, que é diferente das outras, e mostra o processo de negócio, em Coimbra, ganha dinheiro vendendo a crédito, que o homem em quem tudo está certo, menos o nome: «O Pirata».

J. F.



Alegria para o mês de Julho! Esta raposa, é Esther Williams — uma vedeta que ainda não vimos, mas que já é célebre, entre nós, à força de o admirarmos em tantas fotos! Campeã olímpica de natação, uma rainha da filia dos Amores, das vides, de Cambás para cá, na imaginação de cada um de nós...

## PARLAR E O CINEMA FRANCÊS

POR FERNANDO FRAGOSO

**P**OUCAS semanas depois da libertação da França, chegaram Paris os magnatas da indústria americana dispostos a negociar os seus filmes. As limitações então impostas à livre circulação — as fitas made in Hollywood, quer antes da guerra — estavam prontas para o embarque, o melhor da produção de quatro ou cinco das «câmaras» francesas por causa da ocupação alemã.

As personalidades responsáveis da indústria do outro lado começaram a trocar impressões sobre o regime a vigorar de futuro. Os americanos, com a maioria dos mercados europeus encerrados, embalsamados as hostilidades, mostravam natural alívio em voltar a ver os franceses, por seu turno, sabiam, e com razão, que se tinham só a defender-se da situação dos filmes sem interesse acumulado ao longo do interregno. Da entrada de filmes americanos, não se encontrava, como antes de 1939, em estado de concorrer com Hollywood, e por outro, o problema da economia nacional, que se poderia encostar sem apreensões a sangria do ouro para o estrangeiro.

As negociações laboriosamente conduzidas no decurso de três semanas não chegaram a nenhum resultado prático. Os franceses pediam pelo contingente de produção nacional na base de sete semanas consignadas ao fim francês em cada trimestre (12 semanas) — os americanos recusavam o princípio, por entender que a quotas se desvantajavam. Abandonadas as negociações, a questão caiu num ponto morto.

Entretanto, o sr. Léon Blum deslocou-se à América, com a finalidade de negociar o acordo financeiro, indispensável para a França reconstruir as suas indústrias. E a questão, como era de esperar, foi agitada.

«Será difícil suportar — escreveu, então, um jornalista de New York — que os Estados Unidos facilitem a reconstrução da economia francesa renunciando, por completo, a eliminar uma barreira que para o ponto de vista americano tem mais importância do que o simples interesse financeiro de Hollywood».

«De isto, facilmente se compreendeu o problema se nos recusarmos — os Estados Unidos fabricam por ano 200 milhões de dólares de moeda forte, de que apenas conseguem metade. O resto terão de exportar — se quiserem pagar, à sua mão de obra, os salários correntes, sem na qual o salário da vida americana não pode manter-se no seu nível actual. Tudo assenta nestas bases, que reflectem tanto na política interna como na externa. Sem mercado fora das fronteiras, a América ficará com os alicerces económicos abalados, ou será obrigada a procurar novos consumidores, um pouco como a Alemanha de outrora».

«Ora, para desenvolver a exportação, não há nada que suplantem o filme. E o caixeiro-tijante ideal».

O jornalista que escreveu estas palavras, com tão clara visão de realidades, não interpretaria os factos facilmente, se não houvesse assistido às conversas preliminares do acordo celebrado entre os governos de Washington e Paris. Porque, com efectiva redução das cláusulas do empréstimo francês, a condição de «câmbio» dos filmes americanos nos cinemas parisienses. E, quando podia deixar de ser, em condições mais vantajosas, o que anteriormente haviam sido propostas pelos franceses. Tomou como base, ainda, as treze semanas do trimestre. Mas em lugar de filmes americanos e até destinados ao filme francês, que haviam sido oferecidas ao delegado da Motion Picture Producers and Distributors of America, os números foram reduzidos, respectivamente, de 9 para 7 e a possibilidade ainda de fórmula de 10 e 2. O cinema Hollywood dominará largamente nos «câmaras» da França.

O texto oficial diz o seguinte:

«A partir de meados de 1 de Julho de 1946 será aplicado o regime contingente na tela, destinado a facilitar, como protecção temporária, a reconstrução da indústria francesa do cinema, afectando o contingente ordinário da produção da França pelo mínimo. De acordo com tais princípios, os proprietários das peças de cinema serão obrigados a projectar, em cada trimestre, durante um certo número de semanas, filmes de produção francesa; no decurso de outras semanas, poderão livremente projectar, tanto filmes estrangeiros como franceses».

«A partir de 1 de Julho de 1946, o contingente reservado a filmes franceses será de um máximo de quatro semanas por trimestre».

O acordo especifica que se até 30 de Junho de 1948, a produção francesa tiver conquistado, entre todos os filmes projectados no país, o meio de cinco semanas por trimestre, o contingente será automaticamente reduzido, para os filmes franceses, a um máximo de três semanas por cada trimestre.

O princípio do contingente será abandonado ainda — esclarece-

(Continua na p. 73)

## OS PRÉMIOS CINEMATOGRAFICOS DO S. N. I. DE 1945



1) Lopes Ribeiro. 2) Madalena Virgílio Teixeira. 4) Aquilino Mendes.

**O** júri para a concessão dos Prémios Cinematográficos do Secretariado Nacional da Informação de 1945, concedeu, por maioria, o «Grande Prémio do S. N. I.» ao filme de António Lopes Ribeiro, «A Vizinha do Lado», cujo argumento, como se sabe, foi extralado da peça do mesmo nome do saudoso humorista André Brun.

O prémio «Paz dos Reis» foi concedido, por unanimidade, ao documentário «Parques Infantis», produção de Aquilino Mendes, que foi, também, o operador e o realizador em colaboração com J. Mendes.

Os prémios de interpretação foram concedidos, também por maioria, aos artistas Madalena Soto pelo seu desempenho no filme «A Vizinha do Lado», e Virgílio Teixeira pelo seu trabalho em «José do Telhado».



Tem fama de ser uma das mais lindas mulheres do cinema. E é mesmo, como diria o Luiz Jobô... O nome? Será preciso dizer, na realidade, que se trata de Maria Montez? O leitor já tinha adivinhado, não é verdade?



John Clements e Mary Monis numa das cenas mais expressivas do filme de guerra da resistência na Jugoslávia, «Uma luz no horizonte», que se estreia no Coliseu do Porto, no dia 5 deste mês.

O ator inglês Clifton James é extraordinariamente parecido com o marechal de campo Montgomery.

Um dia, quando ele se encontrava no seu camarão, fazendo a preparação para tomar parte num espectáculo dedicado aos soldados, entrou, por acaso, um repórter fotográfico do «New-Chronicle», que, ao vê-lo, exclamou: «Mas você é Monty sem tirar nem pôr! Deixe-me tirar-lhe uma fotografia!».

A fotografia veio publicada no «News Chronicle».

E quando Clifton, de boina à Monty, apareceu no palco, a assistência rompeu numa grande ovacão, julgando tratar-se do verdadeiro marechal.

A fotografia publicada no «New-Chronicle» caiu sob o olhar de águia do Intelligence Service, que logo se lembrou de utilizar Clifton como «sósia» de Montgomery.

Poucos dias depois correu a notícia de que o marechal de campo partiria para o Mediterrâneo em viagem de inspecção.

Passou por Gibraltar, onde ninguém descobriu o logro. Os espíes espanhóis avisaram os alemães de que Montgomery estava longe do teatro de invasão, e os alemães acreditaram.

No norte de África prestaram-lhe todas as honras devidas ao seu posto. Antes de iniciar o seu papel, Clifton James conviveu com Monty durante alguns dias, a fim de lhe estudar a voz e os gestos.



O ator Clifton James, que desempenhou o papel de Montgomery

Surgiu, porém, uma dificuldade: o ator tinha, na mão direita, um dedo a menos, que perdera na outra guerra. E foi preciso arranjar-lhe um dedo postico...

## MIRYAM PETACCI

### IRMÃ DA MULHER QUE MORREU COM MUSSOLINI

### ACABA DE INTERPRETAR DOIS FILMES EM ESPANHA

### E PREPARA-SE PARA CONQUISTAR HOLLYWOOD

**M**IRYAM di San Savolo, actriz italiana, de vinte e dois anos de idade, pediu recentemente, às autoridades americanas, um visto para os Estados- Unidos, declarando que desejava tirar a sorte em Hollywood.

O nome desta artista é praticamente desconhecido na Europa e na América. No entanto, trata-se duma vedeta dos estúdios Italianos, que o público daquele país aprecia. O seu verdadeiro nome, porém, é outro. Miryam di San Savolo chama-se, na realidade, Miryam Petacci e é a irmã mais nova de Clara Petacci, a mulher que morreu com Mussolini, em Abril de 1945.

O jornal francês, de que recortamos a notícia, acrescenta: Após a queda do fascismo, a família Petacci foi vítima duma série de desgraças. Em Março de 1945, Miryam, seu irmão Marcel, seu pai Francisco Petacci e sua mãe foram metidos na prisão de Novara, onde já se encontrava Clara, que havia sido encarcerada dias antes, pela ligação sentida tal que a unia ao «Duce».

Na segunda quinzena de Abril, as portas da cadeia abriram-se e os Petacci, libertados, puderam alcançar a Espanha. Entretanto, Clara conseguiu juntar-se a Mussolini e, com o seu irmão Marcel, resolveu ficar em Itália.

Foi em vão que o pai, médico bem conhecido, que no final duma carreira de trinta e seis anos, se tornara decano do corpo clínico do Vaticano, depois de ter sido o médico particular do Papa Pio XI — foi em vão, dizíamos, que o pai tentou persuadir a filha mais velha a compartilhar da fuga. Clara não quis renunciar à intenção manifestada. O seu lugar, dizia ela, era ao lado do homem a quem se votara. Cinco dias mais tarde partilhava a sua sorte.

— De há um ano para cá, os Petacci vivem em Madrid. Perdida a fortuna, restam-lhe algumas joias de família que conseguiram trazer de Itália. Um dia, Miryam lembrou-se de que era actriz de cinema desde os seis anos — e ofereceu-se para participar num filme espanhol. No decurso destes últimos meses interpretou dois filmes, com êxito. Ninguém sabia, entretanto, em Espanha, a verdadeira identidade da jovem artista.

— Nem se nem os meus pais, declarou a vedeta, nunca tivemos nada com a política. Nem de perto, nem de longe, servimos o fascismo. Não há nada que me proíba de tentar a sorte em Hollywood. Embora declare, desde já, que não tenciono, de qualquer forma, tirar partido publicitário do trágico fim de minha irmã.

É a vedeta italiana concluiu: — Estudei canto e dança, e comecei agora a aprender Inglês. Sei bem que isto é difícil representar quando não se domina a língua. Mas outras, antes de mim, conseguiram triunfar. Só desejo uma coisa: que não vejam em mim a irmã de Clara Petacci, mas simplesmente uma artista que, como qualquer outra mulher, o direito de conquistar o lugar que quer, que livremente escolheu.

**PÁGINA**  
Por Alvaro Salama

## RESPONSABILIDADE DO ROMANCE

**E'** muito possível que não haja na vida nenhum acto plenamente «gratuito». A literatura não é, com certeza, e muito menos quando o homem se situa inteiro, com toda a alma e todo o corpo, nas encruzilhadas decisivas do tempo. Se a arte tem a sua órbita própria e é absurdo exigir-lhe mais do que pode dar — do que pode dar a arte e do que pode dar cada artista — não é menos certo que essa órbita se inscreve na totalidade das formas de relação humana e que uma missão, pelo menos, não se lhe pode recusar: exprimir a vida e, sob certos aspectos e no seu plano próprio, ser a vida. Quando vemos insatisfeitos de novo com tanto fervor pouco féria na autonomia absoluta da arte, apetece recordar aquelas palavras de David d'Angers que soube ser artista tão plenamente sem se titubar no orgulho da criação estética: «Je crois que la véritable mission de l'artiste est de plaider de grandes et nobles causes, utiles à l'humanité, et non de l'amuser en faisant de l'art pour l'art. Ainsi conçu, notre rôle nous permet tout au plus de rivaliser avec les historiens et les sauteurs de cordes. E desceñe, sem dúvida, que as «nobres causas» contenham muito coisa, tudo o que é humano e verdadeiro; que a arte não sofra limitações estreitas e as suas criações se multipliquem na diversidade. Mas a arte verdadeira e eterna — e entre todas as suas formas o romance com especial relevo — terá que voltar-se para o homem e para a vida e o absorve para merecer a mais alta dignidade dos valores decisivos.

«O AÇO MUDDU DE TEMPERA»,  
por Manuel do Nascimento

A obra de romancista que Manuel do Nascimento vem criando com resoluta devoção intelectual tem, antes de mais nada, o mérito oportuníssimo mas literariamente perigoso da actualidade plena dos seus temas. Da sua experiência pessoal ameaçada por inícios contingentes, fez nascer uma concepção da vida que vem fundir-se no clamor das grandes massas em construção áspere de um novo destino; e sente-se na leitura dos seus livros — e neste com especial eloquência — o calor desta fremente adesão que implica não só uma atitude perante a vida mas uma missão de consciência que na literatura intenta exprimir-se e fortalecer-se.

Da aventura do volfrâmio, sórdida num sentido, dramática em outro sentido, colheu Manuel do Nascimento, com a dura verdade que se impõe aos olhos antes de se traduzir em reflexo ou em narrativa, o que nela havia de mais grave e mais denso.

«O aço muddu de témperas apresenta desde logo, pois, um valor de experiência humana que não pode deixar de condicionar o seu valor de experiência literária. Toma nessa origem e sonda sinaplasta que a pressão do drama exterior e circunstancial imprime nas personagens e em cada linha de uma acção, a sinceridade forte, uma espécie de aspereza saudável que reproduz bem a palpitação inquietá e dolorosa da vida nos que a experimentam ásperamente e um calor recondoito que se comunica de página a página, tornando a impressão que poderia ser monótona pela vulgaridade do circunstancial. É uma obra singela, sem dúvida, mas tem no recorte breve das figuras, na acção de quadros sempre patéticos na paisagem representada em pince-ladas tóscas e directas, na penúria intencional da adjectivação, uma força que se comunica abundantemente e que afecta o romance em particular não só ainda as digressões exploratórias sobre o ambiente político como a própria acção. O roman-

cista mais seguro de si e dos seus meios sabe fugir a esse processo de exploração directa que corta desagradavelmente a unidade da ficção; sabe inserir-lo ambiente, na alma das personagens, no diálogo, reconstruir o mundo real na imaginação que a obra testemunha e que o leitor absorve e dilata. Manuel do Nascimento tem um longo caminho a percorrer, mas a sua obra tem já uma força expressiva que lhe consagra alto lugar na literatura nova portuguesa.

«REVOLTA DO SANGUE», por  
Francisco Costa

Chamando a este livro romance tipicamente burguês representei com clareza, para quem compreender o pleno significado actual do termo na ordem literária, as suas características essenciais. Tem a estrutura da classe social donde nasceu, em que se move e a que se dirige; não é asperamente realista e de intenção épica, como o romance vitorioso nas nossas letras de hoje, nem subjectivista, analítico e introspectivo como o romance da geração precedente. Situa-se no plano morado da narrativa com origens mais ou menos mundanas, intriga fluente e animada, ambiente citadino, dramatismo de acidente ou de diálogo convencional. Críticos com a dóce virtude da benignidade quiseram ver em Francisco Costa a promessa de um romancista do mais alto nível. A promessa, porém, está plenamente em acto neste romance, e sabe-se muito bem que o autor não o ultrapassará em mérito, afinamento literário e densidade humana. Diga-se desde já que esta plena expressão, esta maturidade literária que se veri-

## HERBERT GEORGE WELLS

A Ós oitenta anos, quando a vida presente e a história lhe aparecem despidas de ilusões, Wells publicou uma espécie de testamento intelectual e moral sobre os destinos da civilização num livro ameaçador e dramático que intitulou «Vai o mundo acabar?».

Nascido em 1866 numa família de pequena burguesia, Wells começou a vida profissional no comércio, conseguindo formar-se, com grande esforço e sacrifício, na Universidade de Londres. Os seus romances, de larga intenção ideológica e moral, abrangem no todo o mundo — como os seus trabalhos políticos e históricos lhe fizeram merecer justamente, pelo bom senso e a largueza humana, o título que reivindicava de «livre cidadão do mundo». O seu apelo dramático à inteligência do homem contemporâneo é ainda uma representação da generalidade e valor com que sempre encanou os problemas da humanidade.

## FAÇA DE PAPEL

• Pela Colmbra Editora publicou João Paulo Freire (Mário), uma colectânea de artigos, escritos em 1942, mas que não perderam a actualidade de observação e pitoresco. Deu-lhe o título «Pensamentos», palavra «factos» e no livro se encontra, de facto, muito do que impressiona a imaginação do jornalista e, através dele, do leitor comum.

• A mesma empresa editorial tem publicado uma série de oportunos trabalhos científicos e pedagógicos que merecem referência especial e atenção dos interessados nos respectivos ramos. «Elementos de cosmo-

# ★ CRÍTICA DE LIVROS ★

fica inconfundivelmente em «Revolta do sangue», situa Francisco Costa entre os melhores escritores de ficção que actualmente publicam em Portugal. Simplesmente, ao passo que a literatura nova evolui e continuará a evoluir por muito tempo no sentido de uma realização progressivamente mais perfeita, este romancista que pitorescamente se chamou romancista católico, está definitivamente fixado nas suas qualidades e nos seus defeitos.

A acção deste romance — e é a acção que o domina inteiramente — desenvolve-se com intensidade formigante, no sentido literal da palavra. Distral o leitor comum, decerto, mas cansa pelo «pointillé», pelo fétuo, pelo agitado em pouca água, quem procurar no romance alguma coisa mais que a acumulação de personagens e episódios. São essencialmente minúsculos, restritos, talvez reais mas insignificantes os pseudo-dramas que figuram neste livro. O que figura nele com maior realce — o êxito de uma conversão sem fundamentos humanos profundos, baseada na acção de uma doença e da morte eminente — não consegue absorver o que é essencial na inquietação das consciências. Francisco Costa «raspa» as aparências transitórias e nada mais. Fê-lo com gravura formal, por vezes com alguma força — mas não com a que há de sério e grande na obra de um romancista, a revelação das almas e das suas angústias ou alegrias ardentes, a revelação da vida com

grafias, por João Augusto Marques de Almeida; «Noções de Anatomia e Fisiologia», por Albano de Lencastre; e «Notas de Didáctica Especial», por José Maria Gaspar e Orbeirão Geraldes Ferreira.

• Alice de Oliveira apresenta em «O último amor de Luis XV» uma visão romanesca mas curiosa do declínio do século XVIII em França. • O poeta Papiniano Carlos publicou «Estrada Nova», versos de inspiração social sincera e arrebatada em que consegue fundir, por vezes com brilho, o lírico e o épico.

• «Sua Majestade a Morte» é um livro excêntrico e pouco feliz de Armando Tavares, editado pela Livraria Figueirinhas, do Porto.

• A Atlântida, de Colmbra, publicou «Colmbra de capa e acúmia», por Carmine Nobre, 2.<sup>a</sup> edição, com episódios da vida académica escritos em estilo animado e agradável.

• A Livraria Figueirinhas publicou na sua colecção de Estudos e Críticas, uma tradução do trabalho de José Kallitov, «A tragédia sexual de Leão Tolstói».

as suas durezas e solicitações, escape-lhe entre os dedos, que não possuem a força frenante de uma sinceridade sem restrições. Há mesmo um simplismo estranho neste autor a que se atribuem tão consideráveis valores ideológicos, sempre que pretende inserir no romance um problema político ou filosófico. Quando trata de problemas morais, no nível comum e burguês, sente-se que pisa terreno muito mais sólido — e as situações que concebe revestem-se, então, de uma verdade que, por ser de classe, não deixa de impressionar.

A expressão plástica das figuras é habitualmente segura e eloquente, mais do que a expressão interior que se apresenta confrangedora, e vácuca em muitas delas. Os dramas que Francisco Costa pretende então traduzir parecem escolados à superfície de «marionetes» pouco atraentes. Usa, como processo de estilo, que trabalha bem, uma adjectivação fina e expressiva. Leva, por vezes longe de mais, em quatro linhas (pág. 273 do romance), encontram-se, por exemplo, todas estas qualificativas: delgado, impaciente, risonha, viva, directa, zomba, invejosa, brando e lento. A cumulativa, neste caso, como no das cenas em movimento demorado rápido, não é indicio muito feliz.

Com outro conteúdo íntimo, mais humanizado, mesmo se atenta o que descreve, mais sincera compreensão do homem e da sociedade, Francisco Costa seria, decerto, um romancista de grande mérito.

# AMARAL

SEGUROS



Este porco da floresta julga-se suficientemente belo para ser fotografado de frente

## OS ANIMAIS DA FLORESTA AFRICANA TIRAM AS SUAS PRÓPRIAS FOTOGRAFIAS!



Uma hiena de robo entre as pernas é surpreendida pela câmara



O leopardo, finalmente, chegou e disparou uma máquina que estava devidamente colocada. Os leopardos não se assustam muito, e, às vezes, voltam ao mesmo lugar.



Este elefante ficou um pouco assustado ao tirar o seu retrato



O hipopótamo deve ter tido vergonha de mostrar as trombas...

**T**ODOS os animais, cujas fotografias aparecem nestas páginas, tiraram o seu próprio retrato! Para isso foram auxiliados por dois naturalistas britânicos, Kenneth Gandar Dower e James Riddell.

Há alguns anos os naturalistas penetraram nas florestas do Kenia e do Congo Belga, munidos de máquinas «Leica-20», que colocaram nas partes mais recônditas da floresta. As câmaras possuíam potentes lâmpadas que acendiam mal os animais tocavam numa flos negros estendidos no chão. À noite os animais tropeçaram nos fios, e produziram assim as melhores fotografias do género que têm sido tiradas. Às vezes os animais enfureciam-se com o facto. Certa ocasião alguns elefantes perseguiram de perto os dois naturalistas, e um gorila chegou mesmo a pouca distância deles. Quando a guerra interrompeu o seu trabalho, Riddell serviu como major no exército britânico.

Encontra-se agora em Nova-York, onde está a escrever um livro acerca das suas explorações. Dower tornou-se correspondente de guerra e foi morto no mar de Cellão.

**MEDICINAL**

**PASTA COUTO**

**TRATA**  
*gengivas descarnadas  
ou sangrentas*

**EVITA**  
*antimoniais mercuriais  
ou bismuticas*

**MATA**  
*os microbios da boca,  
que dão causa a tantas  
doenças graves*

Medicinal pequena — tubo 11\$00  
Medicinal grande — tubo 17\$50  
Vulgar pequena — tubo 4\$00  
Vulgar grande — tubo 7\$00



À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00  
Caixa grande..... 8\$00  
Dep.º: COUTO, L.ªª — Porto  
L. S. Domingos, 165

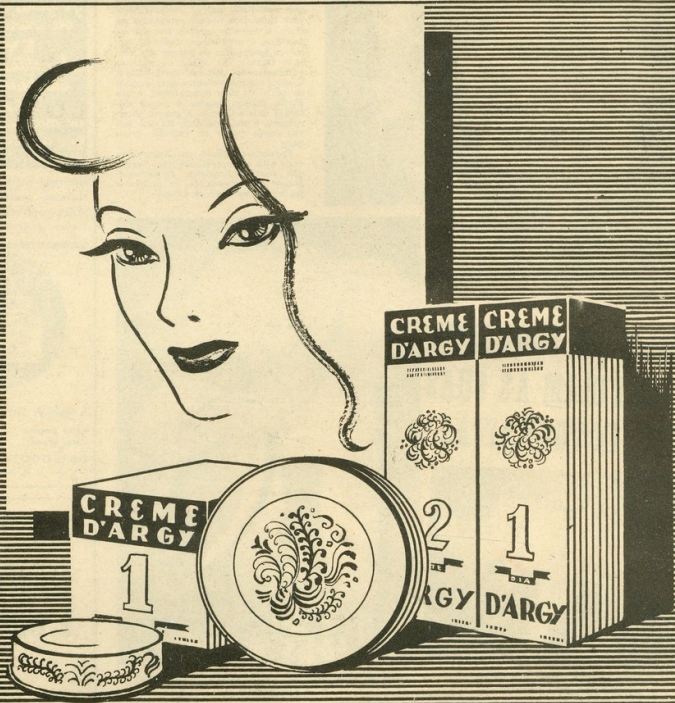
INSISTA NO

## GENUINO E ORIGINAL

## STURMEY-ARCHER

Carretes de bicicletas com  
movimento controlado

Sturmey-Archer Gears, Ltd.  
Nottingham, England



# D'ARGY

CREME DE BELEZA VITAMINADO, PÓ DE ARROZ E ROUGE



Quando os primeiros calores fortes da estação descolaram das decorações os ferradinhos sobressaltam; a eclosão do desastroso fim da Conferência de Paris, quase simultaneamente sobrevém no Conselho de Segurança, e o rebentamento das explosões que iniciam a queda do império dos bombas atômicas em que o cientismo sádico se compraz para reverificar infernais quantidades laborando em salas com estatísticas dos mortos e das ruínas da guerra!

O SOLO TREME

Uma rápida revivida das notícias que nos últimos dias transpiram da Conferência de Paris fornece a impressão clara do encaixe fundo a que os «Três Grandes» aproraram as suas responsabilidades. 21. apenas se decidiu adiar por um ano (com Justos protestos do governo de Roma) a decisão sobre o regime das colónias italianas, e tentou-se resolver o problema de Trieste sem qualquer resultado.

E reite a ideia da Conferência da Paz. Mas a 22 não há acordo quanto ao resultado desta assembleia, que se propusera ser de Agosto. A 23 a situação permanece nos mesmos termos. A 25 Molotov, que veio a declarar o seu desinteresse sobre o caso de Trieste, declarou não discutir os outros tratados de paz, mas que esse caso foi resolvido. Uma proposta para uma internacionalização de Trieste provisoriamente por dez anos não tem seguimento. De repente, Molotov reclama a toda a pressa a decisão sobre a zona da Itália italiana, cuja solução se adia por um ano no dia 21. A questão do Dodecaneso fica no ar, mas a discussão sobre as propostas americanas na Itália e da cláusula de expropriação não encontra o mesmo êxito. Molotov declara, Bevin dava, no dia 23, resumo da situação, nesta frase: «A forma como chegamos a estes acordos».

Nos três dias seguintes sucederam-se conferências secretas entre os «Três Grandes». A proposta de Molotov, se chegou, não era conhecida. No dia 26, os observadores, fazendo o balanço da situação, opinavam que se atingira o momento crítico do bom êxito, o do malogro da conferência. A paz continuava a esperar, a porta do Palácio do Luxemburgo, a ver entrar e sair gente, e não havia a mínima notícia sobre ela. Navios de mercaderes e ingleses juntavam-se em Trieste, enquanto os americanos continuavam forças aliadas nas fronteiras. De Londres negavam apenas que nestas horas houvesse alta insinuação que tudo se resumia em prevenções contra um golpe de mão lusitano (que podia ser russo), mas como dizia o frade metendo as mãos nas mangas do hábito: quanto a guerra, por aí não se via nada.

A 27 os choques surgiram precisamente acerca de Trieste — precisando-se de espaço de terra. O resumo que começa: «O regime político devotado à unidade jugoslava acusa N. Atoms enovum. Bevin mantém Molotov de responsável pelo êxito da reunião, e que o primeiro élo próprio brevia no seu discurso aos trabalhistas. Trocam-se frases altas, insinuando que tudo se resumia em prevenções contra um golpe de mão lusitano (que podia ser russo), mas como dizia o frade metendo as mãos nas mangas do hábito: quanto a guerra, por aí não se via nada.

«Seria então a hora de Smut?». «Seria então a hora de Trye Lie, o inteligentíssimo secretário geral da ONU, lembrava que esta foi a decisão que constituiu o Conselho Grande se comprometiara a concordar uns com os outros. E concluiu-se: «Concordou-se, em primeiro lugar, que todas as grandes potências fossem chamadas a aderir ao Pacto de Varsóvia depois de muita discussão, decidiu-se dar a cada uma das cinco grandes potências um direito de veto no Conselho de Segurança. Assim, as Nações Unidas foram especificamente proibidas de autorizar qualquer intervenção por membros dos cinco grandes, contra a vontade da potência responsável em questão. E os Estados do Mundo esperavam uma coisa dos

«cinco grandes» — a disposição para o acordo».

E a esperança ficou lograda, com os seus defeitos. Resta-nos agora ver os resultados. Entretanto, nas políticas internas dos Estados criam-se situações que no seu conjunto formam um ambiente geral no conflito dos Três Grandes e até por certo aspecto, são repercutadas dele, como se perante o perigo já à vista de cidades fumegantes, as nações vítimas de reuignantes lutas de influência e hegemonias, tratassem por sua vez de adoptar procedimentos politicamente posições e atitudes. Convém ir observá-lo.

AS ELEIÇÕES FRANCESAS

Após alguns dias de crise gestativa, a França tem de novo um governo. Esse governo é constituído por uma figura mais notável e agradável do partido vencedor, Jorge Bidault. O chefe de facto, não podia deixar de ser — tripartido, A Assembleia Nacional escolheu de um apelo unânime o novo governo. Os três comunistas juntam-se aos republicanos por palavras que, por sua vez, com o apoio de alguns franceses, colaboram junto ministerial a apresentação dos grupos republicanos radicais sobre a vitória do antigo governo. Derivou de que os três grandes partidos não se distanciarão sensivelmente muito dos seus ganhos, uma dos outros. Nenhum, e menos que todos o M. R. P. poderia arcar sozinho com a responsabilidade exclusiva de dirigir o Estado.

Mais um governo. E o caso não terá deste ignorância, por nestas partes de França, o país que (continua a acreditar), virá, em «n.º momento, a política de «fronteira» a evolução da enorme vaiva há pouco e sobre o velho continente.

«E a primeira linha, aparece o facto dominante» — a frente do compromisso constituído sobre o famoso programa da Resistência mantém-se. E basta releer-se — e de aconselhado — o artigo de desprograma, logo a seguir, para se estar certo de um largo salto para a frente no caminho das grandes reformas políticas, económicas e sociais de orientação transformadora.

Por isto mesmo é difícil, quando não ateste ignorância, por nestas partes de França, o país que (continua a acreditar), virá, em «n.º momento, a política de «fronteira» a evolução da enorme vaiva há pouco e sobre o velho continente.

O próprio movimento republicano ganhou a vitória. Mas isto não basta. Blum ficou perante a opinião pública republicana, cooperou fortemente no sentido de manter a unidade. Um dos seus membros foi até o relator do projecto, que assim é tanto obra de um partido socialista como comunista. Nos debates, as divergências

dos populistas não versaram sobre matéria de princípios mas de pormenores ou aspectos mais secundários. Hoje, depois das eleições do referendo, vê-se melhor, por exemplo, que de facto, a Constituição não permite a ditadura de um partido nem o governo chamado de assembleia. Carece de revisão a emenda no que respeita ao «contrôle» efectivo de um segundo órgão do corpo legislativo e das funções do chefe de Estado, contém imperfeições e imprudências. Mas o facto de, com ela, se dá um possível senão um governo tripartido sem permitir livre e exclusiva responsabilidade de governo ao partido populista, mostra o sentido exacto em que trabalhou a Constituição da III República.

Porque veio então o M. R. P., num coup de burra, desdolarizar-se da obra comum e assumiu na propaganda política, não devidamente avaliada por tantos, as atitudes de oposição? A manobra teve bom êxito. O chefe socialista, porém, não deixa de ser amargo ao observar a este respeito que *du point de vue de la moralité, il n'y a pas de justification... Mais* no entanto uma explicação em certos factores que para ele influíram indubitavelmente.

FORÇAS EM PRESENÇA

Heuve na batalha eleitoral francesa uma investida conservadora: a do Partido Republicano da Liberdade, a cuja tesseira andou obscuramente o arquetipo Paulo Reynaud, despojado de largos meios financeiros e materiais, e até de membros do alto clero que em seu apelo acceitaram com as suas influências.

Todavia, bem magras foram os resultados. Mas isto não basta. Blum ficou perante a opinião pública republicana, cooperou fortemente no sentido de manter a unidade. Um dos seus membros foi até o relator do projecto, que assim é tanto obra de um partido socialista como comunista. Nos debates, as divergências

tilham entre si o favor do electorado universalismo cristão e do universalismo comunista. Esta dedução não se impõe evidentemente com a mesma força e da mesma maneira em todos os casos, trate-se do caso holandês ou do caso italiano, do caso húngaro ou do caso austriaco, do caso belga ou do caso francês. Mas todas as vezes que as duas tendências se encontram com igualdade de meios eclipsam todas as outras.

Assim se compreenderá que, a par de muitos franceses de sensibilidade política e no social (já atrás aludidos aos fortes apoios de conservadores e reacionários católicos dados ao partido de Reynaud), o M. R. P. viu-se reforçado em regiões caracterizadas protestantes, como nas Cevenas, e em descendentes de huguenotes revoltados contra a igreja, votaram por ele.

O caso de desleixo do elemento da política francesa, por uma forma que Leo Blum desenhou lucidamente no seu interessante discurso na Conferência do partido trabalhista inglês, no dia 18, em Bournemouth, vinha a ser a mesma, a mesma divergência entre o socialismo do seu país e até do continente, e o trabalhoismo de esquerda, a esquerda da Espanha e do Ruhr, e a situação ameaçada em que se encontra o partido de Reynaud, apertado por duas novas forças.

A unidade orgânica dos princípios socialistas e comunistas — desde eles — têm sido sempre a característica do nosso partido. Agora, contudo, essa mesma unidade é ameaçada por um lado pelos comunistas, que afirmam agora o seu apoio à democracia e pelo outro lado pelos democratas católicos, que se declaram socialistas. O comunismo tem beneficiado do grande quinhão que a Rússia recebeu da vitória contra Hitler, e o catolicismo, pelo renascimento religioso causado pela reacção «antihitleriana».

E acrescentou: «A divisão das massas populares entre os partidos anti-capitalistas, tem impedido, na maior parte dos países europeus, a formação de um partido trabalhista homogêneo. O único governo homogêneo possível em tais países, seria um governo de unidade popular, baseado na união dos socialistas com os comunistas, mas uma tal união é impossível no momento actual, devido à falta de sinceridade da profissão de fé comunista na democracia, e sobre a importância da aliança entre o partido comunista. Nas actuais circunstâncias tornouse quase inevitável um governo de aliança entre os dois partidos, tal como o temos em França. Isto cria uma situação nova e difícil para a maioria dos partidos socialistas continentais».

Por isto, atrás, se deu ao notado comunistas a política de «fronteira» do detentor do privilégio de ser um partido de trabalhadores, o qual se trata de manter, em primeiro lugar, o partido comunista francês, que, no entanto, devido ao equilíbrio da intenção de aliança com o partido trabalhista do povo, não conseguirá ser nunca um partido majoritário de governo. O comunistas não podem forjar um regime análogo ao soviético, e preferir manifestar vir a ser o jogo na posição que outrora ocupava a maioria dos partidos socialistas que teve no talento de Blum um admirável chefe.

SOMBRA MOVEDICAS

Um problema, quase paralelo a este, surge, porém, nas esferas populares, empuxados de uma banda por um programa doutrinarista fortemente avançado que chega a disparar meças às reivindicações extremistas, e de outra banda pelas adesões que lhe chegam de zonas confessionalistas e de recantos suspetos e o querem trazer para lado oposto.

Logrará Bidaua manter nas suas posições iniciais que, como a aura da Resistência o prestigiarão, a aderir e penetrar no M. R. P. um obstáculo visível, antigos e notórios partidários do negregado regime de Vichy, alguns que amaram as perseguições aos patriotas, está neste momento provocando indignações e cóleras de péssimo efeito. Essa tática sinistra junta-se a outras forças e pessoas que estão longe de possuir o espírito de um Schumann, de um Bidault e de um Gay.

Quanto ao confessionalismo, pode vir a ser outra causa eventual de embaraços. Aceno combate rompe na imprensa. O *France-Tirer*, que é o jornal mais popular de Paris, acusa a Igreja de embeber o M. R. P. e o P. R. L. pelos mesmos prelos que incensaram Pétain, para formar a Igreja da contra-revolução mundial. Emílio Buré, na *Ordre*, denuncia os «neogaulistas» que ainda conspiram por um «cheffe» e por um regime de ditadura, e que «aplaudem o general porque não podem descrever o marechal, embora até hoje De Gaulle não se deixasse amaviar por ninguém nem vendesse ou alugassem o seu herosismo às facções.

É certo que o alastramento dos movimentos democratas-cristãos na Europa actual — ainda há pouco saudados por Sua Santidade nas vésperas das eleições francesas — é um dos factos impressionantes desta época, em que se procuram estabelecer os quadros da experiência de transição para alguma coisa de novo mas ainda indistinguível. Dir-se-ia que as duas igrejas rivais de que fala Cunctator, estão conclamando as suas massas, uma em Roma outra em Moscovo, por clima de eleições.

Houve uma altura em que, depois do acesso do trabalho ao poder,

se souhou com uma frente internacional socialista. Blum, no seu estado discursivo, chegou a suspirar por ela. Mas as frentes internacionais, como se vê, são outras, de ideologias mais fortes e terminantes.

Logrará Bidaua, como é de desejar para a França, e para o continente europeu, mesmo colocado ao nível de mar como está, manter bem solidada com arte uma conciliação, ainda que instável, no governo de coligação com os próprios adversários?

A votação da Assembleia Nacional impõe-lhe um mandato decisivo em que os partidários dos colaboradores estreitamente solidários.

NA ITALIA

Essa interrogação pode entretanto repetir-se acerca dos partidos democratas cristãos da Itália, da Alemanha, da Bélgica e da Holanda. Como na política francesa, defrontam-se nesses países duas classes de *militantes*: o comunista forjado nos quadros da tradição revolucionária e da disciplina de ferro para a construção de um regime através da legalidade, e o militante «republicano popular» que sai para a batalha dos quadros do movimento das Juventudes e das organizações da acção católica, e uns e outros temperados nas vanguardas da Resistência durante as ocupações das suas pátrias pelos invasores teutónicos.

As situações variam sómente com os meios sociais e o grau das crises. Não há dúvida, porém, de que nos movimentos populares dos vários países, como na sua acção diplomática, a Igreja é e sabe-se a alta vibrabilidade do sismógrafo político do Vaticano aparece por toda a parte onde se opera ou vai operar-se a transição para as novas formas da vida social: e de que os partidos comunistas nacionais actuam com o fim de ligar e influente participação nessa transição.

Assim, na Itália, é extremamente interessante observar que, tendo recebido a herança do partido democrata e antifascista de Don Sturzo, o grande agitador em cuja alma de sacerdote ardia o fogo de Savonarola, o partido democrata cristão domina, com o partido socialista e o partido comunista, toda a política nacional.

Gasperi é seu correligionário. E no entanto, mais infiltrado de conservadores, o partido, na sua enorme maioria, e muito mais próximo da França. Se que o francês decidiu na votação do referendo que abriu a crise do regime e enviou para o exílio a sua gentilíssima figura de príncipe que é Humberto II, tão preso ao notório que pela história de um rei português, que é sua esposa, e que nos recorda aquela «morte de um rei português» que Mendes Leal ante o cadáver de Carlos Alberto no inculto Porto:

O soldado de Novara,  
Morre contente afinal,  
Morre e não se lembra mais  
Morre ao eco das batelhas  
Que fez luto Portugal!

No caso de Gasperi, é certo, declarou que não de se ser necessário um compromisso em torno da questão do regime os democratas-cristãos se empregarão a fundo para o fazer efectivo, mas, como disse algum, isto parecia ser apenas tirar o chapéu ao passado. Esta intervenção de um partido de senhas e inspiração católicas, no terreno dos seus dois grandes adversários numa questão de tão alta importância política, com clareza a linha extremamente avançada onde se travam os combates.

E o caso torneo-ainda mais vivo, visto ao perto no campo dos alvos imediatos, é o de um cruzado, Casazeva: «Há aqui um ponto importante. Desde os dias imediatos à libertação da mudança de regime, marca e tinguir entre o fascismo e a monarquia, já escolhera. Corria naturalmente a recusa de se a monarquia não foi logo variada porque os ocupantes não queriam. São democratas os que vêm e acomodam-se às monarquias. No fundo que queriam na Itália a Inglaterra e os Estados Unidos? Que ali não pudessem estabelecer-se uma república socialista», como diziam. A monarquia aparece-lhes como uma segurança. A Inglaterra e a América tomaram-na por tal e como tal a sustentaram. Ingratidão evidente, porque, enfim, como é sabido, os três partidos italianos tomaram posição contra a pacificação das fronteiras alpinas em proveito da França, contra a retrocessão do Tirol do Sul à Austria austríaca, contra o abandono de Trieste. Isto não é um ponto de vista democrata-cristão, socialista ou comunista, mas um ponto de vista italiano. Os partidos são patriotas».

Esta história é, porém, de mais longe, e mostra (Clifford contou-a com pormenores em devido tempo) como o erro de visão dos dois Aliados sacrificou a Casa de Sabota uma má parada do seu logo, e talvez a uma precibada intervenção de Churchill na primeira e segunda viagem que fez à península, como primeiro ministro, e depois, mais tarde, quando já deixara de o ser, viagem esta que rematou no sul da França e deu brado.

LIÇÕES CARAS

E estes erros — em que a pericla tradicional da Sabota como se vê, não deseja deixar envolver-se cobrado noles ou chegando tarde e perdendo o seu lugar — sempre se pagaram bastante caras.

No dia 25, a *Reuter* emitiu de Londres um interessantíssimo despacho narrativo acerca do plebiscito sobre a monarquia na Grécia, que começava por informar, entre o embaixador britânico em Atenas, «Sir Clifford Norton, comunicado ao pre-

sidente do Conselho de Ministros grego, Tsaldaris, se o *Grã-Bretanha lamentaria se o plebiscito sobre a monarquia fosse realizado, referindo sobre a permanência ou não do rei Jorge no exílio*. Esta informação refere-se correspondente diplomático há grande agência britânica, fo dada em Londres por pessoa que não se dá a conhecer. O ministro de Estado, Noel Baker, declarou aos Comuns que embora preferisse a República, não se resistiria a votar não fora feita qualquer pressão inglesa para evitar que o governo grego se decidisse a votar sim, porque é assunto que cabe unicamente ao governo grego decidir. «E não se trata de um assunto curioso: Diz-se que Tsaldaris teria declarado que um voto lançado para o resgate da monarquia, e que um voto a favor da monarquia e que qualquer voto contra o seu regresso, seria contado como a favor da república». E continua: «As notícias de que o plebiscito seria usado desde o momento, levantou grande crítica na Grã-Bretanha. Em virtude disso, na quinta-feira passada, o deputado trabalhista William Warbey, que critica a política dos ingleses britânico de adiamento, disse que isso significaria fazer um plebiscito, jogando a «corte ou cruzado», porque isto é acerca da monarquia», mas a última declaração de Tsaldaris não satisfaz claramente o propósito grego, a qual saiu ontem em massa da Câmara. O seu ponto de vista é de que se a constituição vai de facto, ser o problema essencial em logo, isto é, se a Grécia vai ser uma monarquia ou uma república, o problema deveria ser apresentado sobre essa forma aos eleitores».

As condições gregas recusaram-se naturalmente a participar do governo e na visível manobra de Tsaldaris, mas que o sr. Bevin rejeitou legalmente desde os princípios do mês em Atenas, que a Grã-Bretanha pusera à disposição do governo a soma de meio milhão de libras esterlinas ouro, a qual é equivalente ao montante da reserva ouro da Grécia no estrangeiro.

Ora no dia 26, depois duma reunião tempestuosa durante a noite, o parlamento (eleito, como se sabe, com enormes abstenções opoicionistas, mas que o sr. Bevin rejeitou legalmente e lido), votou por força da esmagadora maioria monárquica, o projecto de lei que impõe o plebiscito em Setembro sobre o regresso do rei Jorge». As oposições não tardaram a ansear com a sua abstenção. Desta vez repetir-se-á a declaração de sr. Bevin como no acto eleitoral anterior, a que acima se alude?

O citada telegrama da «Reuter», em 25, findava a sua informação dizendo que «os observadores políticos em Londres discutem agora até que ponto a declaração de Tsaldaris não o resultado da nova declaração da atitude britânica». Mas sem dúvida não podiam guardar ilusões sobre o pouco caso que Tsaldaris fez da declaração de «Sir Clifford Norton, porque naquela mesma agitada sessão na noite de 26, segundo a referida agência britânica, «depois da nomeação de lei de Tsaldaris como ministro da Justiça, falando em nome do Governo, declarou: «Os Governos aliados aprovaram a data de 1 de Setembro para o restabelecimento do plebiscito». E os observadores de Londres não devem ter muito trabalho para perceber o que a declaração significa para a política Bevin-Churchill na Grécia. Mas com os homens por amor ao rei — e o rei, contrastado o genial Albuquerque!



Para os lábios que atraem beijos

Sedução ardente e tentadora, tal será o privilégio dos seus lábios quando usar o novo tom «Mariposa», vibrante e arreante, que como todos os outros tons do baton Michel, tem uma base maravilhosamente suave, espalha-se uniformemente e conserva-se por mais tempo. Experimente hoje mesmo o baton Michel «Mariposa» ou qualquer das outras 8 sedutores cores Michel.



Inauguração da «Casa da Suíça» em Lisboa. O sr. Siegrid Bittel, discursando



Entre os estandes de mais bom gosto da Feira Popular conta-se o da PHILIPS, que tem sido muito elogiado pelos inúmeros visitantes. A PHILIPS mantém assim o seu permanente desejo de agradar ao público, como grande organização comercial, que é. A foto apresenta uma vista exterior do pavilhão da Philips Portuguesa.



O nosso camarada de imprensa Luis Ferreira, redactor de «O Século» e «Repúblicas», e redactor em Lisboa do bi-semanário «A Comarca de Arganil» foi, no dia do seu 50.º aniversário noticioso, homenageado com um banquete, a que assistiram cerca de 300 pessoas.

Tratou-se duma justa manifestação de reconhecimento pelos serviços que aquele nosso colega tem prestado aos concelhos de Arganil, Gois, Pampilhosa da Serra, etc., há quase 20 anos.

## O BANQUETE DE HOMENAGEM AO NOSSO DIRECTOR

Por lapsos, absolutamente desculpáveis, não demos, no nosso último número, como presentes ao banquete de homenagem ao nosso director, os senhores Fernando d'Eca Leal e Car-

los de Ornelas, jornalistas; e Angélico de Sousa, comerciante.

Apresentaram também felicitações ao director desta revista, mais os seguintes senhores: Augusto Fraga, Ferreira de Sá, jornalistas; Martin Maqueda, pintor; Luis Barradas de Oliveira (Almeida), e dr. Vasconcelos de Carvalho, por si e pela direcção da Casa de Arganil, de que é presidente.

## PALAVRAS CRUZADAS

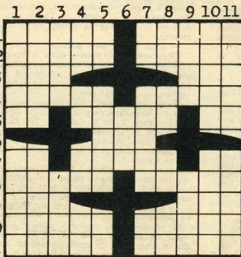
PROBLEMA N.º 68

Por Hernani Pinto Costa — 1.1-hor.

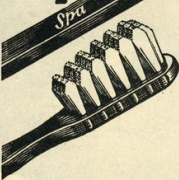
**HORIZONTAIS:** 1 — Caldo de galinha com arroz; tanque onde se reduzem a fíquido certos frutos. 2 — Cobrir de areia; aridaria que parte do ventriculo esquerdo do coração. 3 — Ruído; aqui está. 4 — Pequeno cabo náutico para alar; lugar de refúgio. 5 — Perversa; trago à lembrança a coincidência. 6 — Raiva. 7 — Designa a unidade; coisa excessivamente pequena; pedra de domín com um só ponto. 8 — Impeto; substância azeda. 9 — Argola; cada um dos órgãos glandulares que segregam a urina. 10 — Dia em que se celebra o nascimento de Jesus Cristo; acostumada. 11 — Formara em alas; queimar.

**VERTICAIS:** 1 — Ligam por casamento; envalece. 2 — Armadilha; relativo a muro. 3 — Deliberação duma corporação; rumo. 4 — Sem demora; a si; nesse lugar; cima. 5 — Aspecto; fuge do que pode ser nocivo; naquele lugar. 6 — Rezo. 7 — Ali; dispõe em camadas; nota musical. 8 — Prep. e art. afastado; particula do dialecto provençal para exprimir affirmação; pertences. 9 — Povo; borboleta diurna. 10 — Torne esperto; faz ditoso. 11 — Nivelou; adicionar.

Verficável: Dicionário Francisco Torrinha.



# USE SEMPRE Spa ESCOVAS DE DENTES



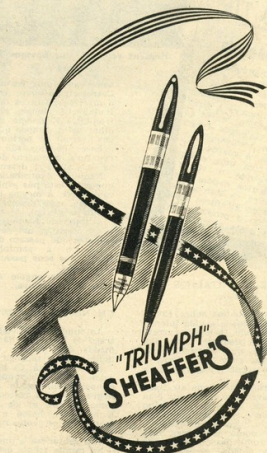
"Spa" a nova escova de dentes com pelos de "nylon" representa um grande adiantamento na hygiene dental. "Spa" limpa melhor os dentes, dura mais e é muito higienica. Uma simples enxaguada e a "Spa" fica-tão limpa e elástica como quando foi comprada. Dureza média e rija. A venda em toda a parte.

Fabricadas por

JOHN FREEMAN & CO. LTD.,  
SPA Brush Works, Chesham, Bucks, England

Deposítarios: J. Pires Tavares, Suers.-J. da Silva Pires, L.ª - Lisboa

para a hygiene dental!



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & QUARTE, L.ª  
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1 - LISBOA-TEL-26297

# CONTRABANDISTAS

## UMA REPORTAGEM DE JOÃO FALCATO



**CONTRABANDISTA MORTO A TIRO**  
pela guarda civil espanhola

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...



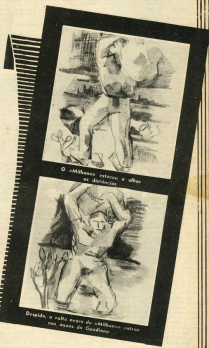
1. Pontos guardados com os antigos tempos. 2. Os Arco de Américo desmontado tempo em fronteira de Badajoz.

... em face da situação política. De...  
... em face da situação política. De...  
... em face da situação política. De...

**O BOM PARTIDO DOS CONTRABANDISTAS**  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...



Elvira e o contrabandista de Badajoz. (Foto de João Falcato)

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...



ELVIRA - moradia do contrabandista

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...

... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...  
... de um contrabandista espanhol...



# CRÔNICA ANIMAIS E GRACIAS

**E**STA agora em moda proteger cães. Não se discute, nem se critica de modo algum a predileção burguesa por esse animal que, às vezes, é mais inteligente do que o dono. O cão é útil, sobretudo quando guarda ou vigia o quintal ou o rebanho. Socialmente é carinhoso, submisso, agradecido, humilhado, a rude biquetira do bota que lhe chega o pontapé. Lançava, além disso, quem lhe faz bem — ao contrário de certos homens que transformam em ódio a gratidão.

Tudo isso é bem sabido — e não valeria a pena repetir aqui o elojo do cão. Ele vem das selvas, nas páginas das contistas, nos dramas patológicos dos romancistas, que amam os animais acima dos homens. «Quanto mais conheço os homens mais gosto do meu cão» — disse um filósofo péssimista.

Pois bem: o cão torrou-se, assim, um animal tão cantado como o rouxinol na poesia. Aparece o heróico a dar-lhe relevo (a gratidão) e o fustelido do amor que mata no cor-de-lion.

O cinema, sempre à custa de Impresários, criou um tipo de cão que é mais sublime de dedicado. E ele que trepa nos incêndios e traz na dentença uma criança pelos cueiros; é ainda pelo farejar da arapêta que libera o dono de morrer nas mãos dos bandidos, ladroando desproporcionadamente por socorro, e, assim por diante, em proezas humanas vividas na tela para glória das plateias senisitas.

É bem verdade que temos de reconhecer, nesse animal, a abnegação e o sacrifício. Mas, estranhamente, não temos levar o nosso raciocínio ao ponto de acreditarmos que qualquer «Fiel», tão porque o dono lhe chega as sotas, pense com a sua coleira:

— Se alguém ofender ou injuriar o meu dono terá de se haver comigo!

Nesse caso — ter um cão era melhor do que ter uma pistola. Porque, certamente, era muito mais decente ferrar com a dentença do animal nas caveiras dum inimigo do que perfurar-lhe o timpano com uma bala ou derrubar o ombro à bengala.

E se isso fosse assim, louvado seja o Senhor, quantas mordeduras não haveriam por aí, sem razão de ser. O cão, na realidade, não se fez para isso. Dentro da cidade, mesmo, onde não há vinhas, nem orelhas, a missão deste animal está reduzida unicamente a dormir nas solteiras ou a farejar as colunas. Para ter em casa — incomoda a vizinhança, seja se calças das visitas, assanha os gatos. Depois, como é um animal voluntarioso, de barriga cheia é brigão. Corre, ladra, salta — e passa-se. Se vê um colega famélico, errante, desses que não se sujeitam ao jugo da coleira, aqui detrai, que só o larga depois de o morder nas orelhas. Compreende-se, perfeitamente, que os casos burgueses, para entretenimento, em vez de um vaso de flores ou de um papagaio indiscreto, tenham um canito, felpudo, de grossas orelhas, dorminhoco e preguiçoso, que come pão de ló e suporta pela rua mal epanha a porta aberta.

Depois é chique passear o animal pelas ruas, tropeçando nas pedras, incomodando os que têm pressa, com a corrente atravessada no passeio — e a dizer, em alto som: «Anda, «Jóli», anda!».

Claro que o «Jóli» quer lá saber do que lhe dizem! Só anda quando lhe dá na real gana. Ora se todos nós fizéssemos umas contas por alto, veríamos que há cães de luxo que gastam mais do que uma criança a educar. Têm veterinário assistente, se têm insonias tocam a telefonia para eles adormecerem; bebem o pequeno almoço no smapex; usam um guarda-roupa caro — onde não falta a boa coleira de prata; jantam bifes em manteiga, às tantas serve-se o pão de ló — e, em cima das refeições exigem, a ladrar, esses passiosos higiênicos, de preferência ao jardim.

Se perguntarem a utilidade do bicho — ninguém sabe. Quanto muito dizem que é engraçado, muito espirituoso e tão meigo que só morde quando lhe dá bem.

Contem e contam de visitas se prezosa do animal: a louca partida, o trombachão que deram por causa dele, os chi-chis feitos nos snapperons, os rasgoes nos reposteiros, tudo, tudo, com tanta graça que é um enlevo.

A uma enhora que tem um desses primorosos bichos, tão pequeno que se mete na mala, onde vai de cabeça de fora, no melo do arsenal da srouges, «bótons e crinela», ouvimos dizer que nunca rira tanto como no dia em que o «Jóli» — é o bicho — em casa de Beltrano, onde fôra de violeta, lambuzava uma lampreia de ovos, vinda da pastelaria. Foram dar com o canito, aos pulos, no melo da travessa.

O doce, que estava tão lindão, parecia uma, para amarelada.

— Impagáveis estes cães! A praticinha deles! — rematou a «madame» abafando o riso com o lençinho de seda.

Pis, minhas senhoras, esta senhorita quando a criada, em caso, parte um copo, desconta o lago no ordenado. E ainda faz mais: pergunta na loja de frente quanto custa, agora, um copo daqueles.

MANUEL MARTINHO

## LIVROS NOVOS

### SOMBRAS DO PASSADO POR RAFAEL MARÇAL

Rafael Marçal, que já nos dera em «Sombra de Poço», «Epi-sódios da História de Inglaterra», «A primeira aliança Portuguesa» e outras obras, a certeza da existência dum escritor de estilo vigoroso, apaixonado pelos motivos históricos e investigador criterioso e inteligente, publicou, agora, numa cuidada edição, «Sombros do Passado».

Trata-se duma série de narrações históricas, tratadas num estilo forte mas elegante, e que conseguem interessar até a última página.

Em resumo: um belo livro que a todos interessa e a que auguramos um raro êxito.

### CIDADE DAS MIL CORES POR CÉSAR DOS SANTOS

César dos Santos, nosso colega de Imprensa e escritor emotivo e sincero, deus, agora, «Cidade das mil cores», um livro de crônicas sobre Lisboa.

Trata-se duma obra de indiscutível valor, em que o jornalista e o cronista se juntam. Este livro de César dos Santos é um depoimento que fica, tão valioso como os dos arqueólogos, e com a vantagem de ser acessível a quantos, nesta cidade de mármore e granito, têm a graça de saber ler.

Que Dona Lisboa, «Cidade das mil cores», lho agradeça.



No avião da K. L. M., partiram para Bruxelas os senhores engenheiros Silva Dias e F. do Cunha d'Água, que foram nomeados delegados do Governo Português à Conferência para a Organização Internacional do Rádio, que se realizou em Bruxelas.



Aspecto do almoço oferecido, no Avis-Hotel, aos cavaleiros espanhóis que nos visitaram.

O pessoal do teatro Nacional reuniu-se num almoço de confraternização no restaurante da Lisboa-Filme.



ALGUMAS NOTAS SOBRE O BAILADO  
**"PASSARO DE FOGO"**  
 DE STRAVINSKY

QUE VAI SER INTERPRETADO PELO CÍRCULO  
 DE INICIAÇÃO COREGRÁFICA EM S. CARLOS

na interpretação do espírito do tema. Efectivamente, em Bakst teria talvez dado mais forte expressão pictorial aos domínios fantásticos em que vive o re-ritualístico do «Passaro de fogo».

Por outro lado, se não há interpretação espiritual, o saboroso conto de fadas de Rimski, finalmente escreveu, a outros povos, que não russos, do mesmo achado insubstituível, visto que o não trazem no sangue. Dessa acusação se não livrou, efectivamente, o tema, embora injustamente, pois a sua essência poética traduz, com gama rica, todas as recônditas aspirações da alma russa, sempre em sonho e ansia de evasão.

Como quer que seja, e usando do direito que lá se outorgou o modesto bailado nacional inglês, a coreografia agora concebida enveredou deliberadamente para a interpretação espiritual da acção poética (muito embora não pretenda, como é evidente, ombrear com a sublime realização de Fokine e Diaghilev) e, quanto a cenografia e figurinos, pediu aos artistas portugueses — Abílio Leal de Matos e Silva e Tomás da Costa — que se nutrissem de Bakst antes de procurarem dar sentido pictórico ao tema que definitivamente foi proposto a Golovine.

A primeira bailarina Georgina Vilas-Bas vai tomar conta, e brilhantemente, da figura criada em 1910 por Karavina e também, alternadamente, e, pela jovem Lokofova.

Cada uma dessas intérpretes realiza o «Passaro de Fogo» a seu modo; tal facto permite imaginar para Georgina um desenho de personagem ainda de nova maneira, esta mais consentânea com o sentido espiritual que se deu à velha história. O príncipe Ivan vai ser feito por Tomás da Costa; votos devem ser feitos para que a revelação desse novo intérprete português cheie de cultura alcance junto do público o êxito que se espera e que já realmente merece.

À todas as faltas possíveis se espera que dê descuba a esgotante persistência do esforço, a extensão (quase loucura) do sacrificio material realizado e a inatacável seriedade do trabalho, já longo de muitos anos. Confie-se em que serão justamente apreciadas a grandeza, a sinceridade e a importância cultural do nosso sonho, o qual, muito embora acobreado pelas cativantes facilidades oficiais, em especial do Ministério da Educação, do S. M. L. e da C. M. L. teve, todavia, de chegar ao fim (o foi no milagre) sem qualquer apoio material.

MARGARIDA DE ABREU

PASSARO DE FOGO

FIGURINOS DE TOMÁS DA COSTA

D. Margarida de Abreu, num retrato de Eduardo Manto

A ideia de realizar um bailado verdadeiramente «russo», tomando, para isso, como tema as próprias lendas de mitologia eslava, adquiriu expressão definitiva no Outono de 1906, quando Diaghilev, ao preparar os espectáculos da temporada de 1910, em Paris, decidiu não mais pensar em ópera e ocupar-se exclusivamente de bailado. Tornara-se mais flexível, aliás, por essa época, a sua tradicional objectividade de empresário, pois a amizade com Mijinsky teve o condão de o interessar pessoalmente no êxito do bailado e de fazer com que se lhe dedicasse com mais fervorosa atenção.

Todavia, na sua primitiva simplicidade, os contos de fadas russos não satisfaziam, e tornou-se necessário, para dar ao «Passaro de Fogo» real conteúdo de acção coreográfica, amalgamar várias lendas, compondo uma história nova. Os elementos fundamentais do assunto foram inspirados pelo jovem poeta Potomkinie, e o seu arranjo esquemático nasceu dum trabalho de conjunto entre Diaghilev e alguns dos seus colaboradores (o coreógrafo Fokine, o compositor Tcherépine, o escritor Rimzov, os pintores Golovine, Benois e Steletsky), dando finalmente corpo e vida ao argumento o escritor Rimzov.

Mas, entretanto, o compositor Tcherépine, que mudava inexplicavelmente de humor, resolveu abandonar os trabalhos e Diaghilev, numa das suas típicas e ousadas decisões, encarregou da partitura para o bailado «russo» o jovem compositor Stravinsky, que Diaghilev havia «descoberto» ao ouvir num concerto o seu «scherzo» «Fogo de artifícios».

Stravinsky, que nessa época se mostrava duma encantadora espontaneidade e considerava as «reações sentimentais» como a melhor fonte de inspiração (ele que mais tarde havia de negar a importância da inspiração), realizou no «Passaro de Fogo» uma das suas mais belas criações, sendo difícil imaginar música mais poética, mais fantástica e, ao mesmo tempo, mais expressiva, pois, sem nunca ser descritiva, como que já conta, em ritmos e acordes, a história a que o coreógrafo há-de emprestar beleza plástica.

O espectáculo, a que a coreografia de Fokine admiravelmente deu alma, constituindo um grande êxito da Primavera de 1910, em Paris, foi posto em cena com cenários e figurinos de Golovine. Segundo o testemunho pessoal do grande pintor Benois, amigo e colaborador de Diaghilev, Golovine, muito embora não tenha prejudicado a carreira do bailado, foi pouco feliz



O ESCRITOR JOÃO FALCATO  
 REDACTOR EFFECTIVO DE «VIDA  
 MUNDIAL ILUSTRADA»

Começou, a partir deste número, a fazer parte da redacção desta revista o escritor João Falcato — um dos maiores valores literários da sua geração. Dotado de excepcionais qualidades de observação, escritor profundamente humano, de um poder descritivo do mais forte realismo, o repórter brilhante dessa notável reportagem vivida que é «Fogo no Mar» agora que voltou de Coimbra, onde acaba de se licenciar, quis escolher «Vida Mundial Ilustrada» para alimentar o fogo sagrado da sua paixão pelo jornalismo.

Essa preferência nos devanear e nos honra — certos como estamos que, ao serviço desta revista, João Falcato vai proporcionar aos seus admiradores, através destas páginas, algumas das mais brilhantes reportagens feitas em Portugal.



João Falcato recebendo as primeiras instruções do nosso director

# QUANDO O REI DO SÃO FOI HÔSPEDE DO GRANDE HOTEL BRAGANÇA

Por  
**FERNANDO  
D'EÇA LEAL**

O Rei de São e seus filhos

Grande Hotel Bragança, instalado naquele enorme prédio da rua Vitor Gordon, donde estão hoje os escritórios das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, foi, durante muitos anos, o primeiro hotel de Lisboa. Em nenhum se contia tão bem e havia tanto conforto. Das janelas disfrutava-se uma vista deslumbrante.

No Verão, na sua grande casa de jantar, toda ornamentada com lindas pinturas, era um regalo, um grande prazer admirar o nosso lindo rio, ao mesmo tempo que nos serviam maravilhas culinárias...

Era o hotel preferido pela gente da grande sociedade.

Estou a ver, a um canto da sala, em geral sózinho, o Marquês de Soveral, o famoso diplomata, o nosso ministro em Inglaterra, stabilissimo para todos, fosse quem fosse que o cumprimentasse.

Muito simples no trato, era uma pessoa deveras encantadora. O rei Eduardo VII estimava-o imenso.

Tinha no late real «Victoria and Albert», um camarote, e era considerado por toda a aristocracia daquele país.

Noutra mesa, o Bispo de Bethleém, Aires de Gouveia, que mais tarde foi Arcebispo de Caledónia, Baikin, magro, cabelos brancos, sempre muito assado. Era uma pessoa de valor. Muito calmo, pouco comunicativo, mas pouco simpático.

Conheci no Ministério de Justiça, na Direcção Geral dos Negocios Ecclesiasticos, - onde prestel serviço durante muitos annos. Aparenta lá de vez em quando, sendo sempre recebido pelo ministro, pelas directores gerais e chefes de repartições, com muitas cortezias, beijos no anel, muitas honras, mas não lhe faziam nada do que ele pedia...

Noutro canto, o conhecido Marquês de Franco e de Almodovar, com a cabeleira desgrenhada, grisalha, usando enormes matações, encorpado, vendo uma enorme sobrecasaca, que fazia uma grande roda, a qual era um verdadeiro armazém aonde ele metia tudo o que se podia imaginar, desde jornais, illustrações, charutos, caixas de sardinhas, laranjas, bolos, bananas e até patéis de nata! Era sócio do Grémio Literário, mas só se servia daquella confortável clube para fazer a barba, a qual era feita por ele, pois que não consentia que o barbeiro da casa, o simpático e alegre Ideias, quando quem elle rabujava, lhe pusesse as mãos. Colocava-se de pé, diante do grande espelho, conservando na cabeça o seu formidável chapéu alto, e começava, então, a escanhoalada. Voltava e nada se levantava-se. Tirava logo uma mortalha de cigarro, passava-a pelos beijos e pregava com ella na ferida. Lembrou-me de uma vez o ver com quatro coladas nas bochechas, tendo nessa tarde corrido no trem, que o Marquês estava para alugar, pois tinha posto escritos!

Muito agrorado, não dava uma esmoia, e só abria a sua bolsa quando Sua Magestade a Rainha se lhe dirigia, pedindo para socorrer causas de beneficência. Gostava então imenso que os jornais se referissem a esses egostos.

Nunca apresentava invenção. Minto. Todos os anos, no dia do aniversário de Silva Canelas, mandava-o chamar ao seu escritório e oferecia-lhe uma pequena caixa de charutos! Um ano, Silva, que tinha sido seu companheiro nos tempos de rapaz, e que por isso lhe permitia umas certas liberdades, disse-lhe, galhofando: «Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

«Oh, Marquês, você um homem tão rico, não tem vergonha de me dar, neste dia, só uma caixa de charutos?»

Acompanhava-a a sua dama, a senhora Condessa de Piqueiro.

Imediatamente, como movidos por uma mola, nos levantámos. A temperatura da sala, naquela fria noite, era deveras agradável, devido à boa lenha que ardia no grande fogão de talha, o que fez com que Sua Magestade dissesse para a senhora condessa: «Que bom que está aqui! Depois, com o seu lindo sorriso, fez uma pequena cortezia, e retirou-se. Ficámos intrigadíssimos!

Que se teria passado, para que Sua Magestade estivesse aquella hora no Bragança?

Viermos logo a saber que tinha acontecido um desastre à senhora Duquesa de Palmela, num comboio da linha de Cascais. Ferida, levantaram-na para ali, por ser muito mais perto que o seu palácio.

O nosso janta nesse dia tinha sido esplêndido, pelo que a saída, um dos convivas, teve a seguinte frase: «Foi um banquete tão digno de Paço Real que até não fim tivemos a encantadora surpresa de ver Sua Magestade a Rainhalh.

Entre as altas personagens que estiveram hospedadas naquella grande hotel, figurou o rei do São, Chulalongkorn, recebido em Lisboa oficialmente, tendo atravessado as ruas da cidade num lindo coche ao lado de el-rei D. Carlos.

Foi no ano de 1887. O nosso povo recebeu-o com simpatia e curiosidade. Organizaram-se grandes festas, mas como a familia real veraneava em Cascais, a maior parte delas foram naquella praia. Na que se falou mais foi dum grande baile na Cidadela. A formosa ball estava fantásticamente illuminada! Nunca mais a vi assim!

O fogo de artifício foi deslumbrante, mas com a poca final, a peça de grande efeito, deu-se uma cena desagravada. Era um enorme effeito! Chegadas a essa altura todos repararam que o rei do São e os seus dignitários estavam transtornados. O senhor D. Carlos, muito affeito, tratou imediatamente de indagar o que poderia dar motivo aquella má disposição. Foi logo informado que se estava dando uma tremenda «gaffe» com a infeliz ideia de o rei mandar a deitar fogo por todos os lados! Aquele tremendo bicho é o nosso stanness o dos símbolos da sua maior veneração! Ninguém se lembra disso!

Nosso rei, intelligentissimo e deveras encantador, entabou logo

com o seu hóspede uma interessante conversação, com o fim de lhe despertar a attenção do que se estava a passar. De vez em quando, o sr. D. Carlos olhava disfarçadamente para o infante, o qual, como era muito grão, levou imenso tempo a desaparecer. Quando acabou aquelle mau local, contava-se que o nosso rei se voltava para o Marquês de Alvim e lhe disse, em voz baixa: «Oh, Alvim, que enfi-me Tenho a certeza de que nunge um elefante levou tanto tempo a aferrar».

Ao que o Marquês lhe respondeu: «Meu senhor, é que este... era o «Viana do Castelo».

Chulalongkorn era um commo-tervel. Sempre que voltava de um passeio pela cidade, sentava-se a mesa com um appetite de assustar. Mas poucos passados deu.

Passava quase todas as tardes varando do hotel a olhar para o nosso rio! Era uma das coisas de que ele mais gostava.

As vezes espreitava para a rua o Duque de Bragança (hoje rua da Luta).

O meu querido amigo João Ferraz de Sequeira, falecido há anos, pessoa muito intelligente e cheia de espirito, morava na rua Vitor Gordon, esq. para a do Duque de Bragança, e as suas janelas via o canto da varanda do hotel.

Uma tarde em que o rei se foi espreitava, Sequeira não resistiu, disse-lhe adeus. O monarca desappareceu. Passados uns minutos, voltou a espreitar.

Sequeira, desta vez, atirou-lhe adeus mais intimo!

Sua Magestade tornou a desapparecer, para voltar novamente com o grande óculo. Então o meu amigo fez-lhe com as mãos umas maccas das Chulalongkorn, estranhando aquelles sinais, sorriu, mas naquella dia não viu mais a sua real face!

João Sequeira, voltando para a sua sala, aonde estavam um amigo, contou-lhe o que tinha acabado de fazer, acrescentando: «Tinha pensado que este homem não se demora em Lisboa, porque tenho a certeza de continuando a fazer-lhe gestos, dentro em pouco estavamos amigos intimos e nessa altura convidava-o a dar um passeio...» Então é que elle ficou conhecido em os costumes da sociedade... Assim, cotado, vai de terra por um detalhe!



A Rainha D. Amélia

D. Carlos





A célebre artista francesa Mistiguet esteve, recentemente, em Milão. Aqui a vemos, em frente do Scala, o artista que foi evadido de nome universal e segurou os seus pernos em um milhão de dólares! Hoje — tem 72 anos!



Karl Hermann Frank, cossaco de Lidice e protector do Bósnia e do Morávia, a caminho do cadafalso. Os bilhetes para assistir à sua execução chegaram a vender-se, no mercado negro, a 20 libras!

## 1.º TORNEIO — PROBLEMA N.º 10

### A MORTE DO PEQUENO LORD

— Instalado no auto a caminho do Castelo, o nosso Inspector ia pensando nas coisas que o velho fidalgão Menezes Caioia lhe comunicara pelo telefone?

— Segundo ele dissera, o pequeno João, seu único filho, de 11 anos de idade, morrera vítima de uma queda que dera na grande escadaria que liga o terraço do castelo com o jardim. O conde, no entanto, parecia desconfiar da veracidade do acidente e requeria a sua presença para deslindar o caso.

— Mas se mataram o garoto — monologava o Inspector — onde procurar o possível móbil do crime? Segundo sei, o fidalgo vivia sozinho com o filho, um velho criado e uma cozinheira. Será algum deles presumível criminoso? Andará em todo isto questão de testamento?

O nosso hábil Inspector foi interrompido nas suas cogitações pela paragem do carro, frente ao portão do castelo, onde a sua perlicia havia de ser, mais uma vez, posta à prova.

Recebido pelo dono da casa, ouviu da sua boca estas palavras: — Ausente do castelo há três dias, regressou hoje e venho encontrar o meu pobre filho morto. Diz o criado, velho servidor, que meu filho descia em louca correria a grande escadaria do castelo, que quando, escorregando, caiu desamparadamente. O criado correu para ele, mas rapidamente verifiquei que o Joãozinho morrera. O médico que chamei, como poderá ver do relatório que deixei, declara que a morte foi causada por grave fractura do crânio.

O Inspector interrompeu: — O sr. conde tem confiança no criado? Acredita nas suas declarações?

— Não nego que uma sombra de dúvida me perturba o espírito. Gostaria que o sr. Inspector, com a sua sempre comprovada competência, fizesse breves investigações. Meu filho era o único herdeiro de toda a minha grande fortuna. Por sua morte, metida da herança irá para os criados, e outra metade para casa de beneficência. Seria isto do conhecimento do mordomo? Não vejo como, mas confesso que desconfio do pior.

O Inspector manifestou desejo de ouvir o velho servo, que apresentou o seguinte depoimento:

— O menino João tinha o mau costume de descer em grande correria a escadaria do terraço. Quantas vezes o acometelhei a não o fazer. Hoje, estava eu no escritório em liguessa, quando vi o menino pobre menino a descer vertiginosamente as escadas. Ia para o chamar quando, affito, o vi escorregar e cair desamparado. Foi imediatamente ao pé dele mas vi, com mágoas, que o Joãozinho morrera, com certeza devido a uma grande ferida aberta na testa, por onde o sangue jorrava. Quando me preparava para chamar o médico, ouvi a buzina do automóvel do sr. conde e com a este «sucedida».

O Inspector foi ainda ver o corpo do pequeno lord. Não havia dúvida: a criança morrera duma fractura de crânio, vindo-se na testa uma grande brecha, com sangue coagulado.

Já no escritório, o Inspector, depois de meditar em tudo o que vira e ouvira, deu por resolvido o caso.

Pergunta-se: a) Trata-se de morte accidental ou provocada?

b) Em que baseia as suas conclusões?

Até 11 de Julho corrente receberemos as vossas decifrações, que deverão ser remetidas para o endereço costumado.

#### PROBLEMA N.º 8

##### Decifração

Temos o prazer de extrair da resposta enviada pelo nosso arguto colaborador Reporter 8, os tópicos que constituam a decifração do problema.

«O Inspector referia-se ao sobrinho, porque mentiu ao dizer que tinha ouvido bater as 3 horas no relógio do escritório, quando afinal este parara nas 2 horas, pois o Inspector chegou à vivenda por volta das 5 horas, altura dos operários largarem o trabalho do dia. O criado falou verdade, pois o relógio parou exactamente depois de bater as 2 horas. As letras que o comerciante escreveu, talvez adivinhando o que se ia passar, eram as iniciais de Chico, nome familiar pelo qual o sobrinho era chamado. Enviaram decifrações os seguintes concorrentes:

# Enigma

## Orientado por Leiria Dias

Com 10 pontos: Oraval, Elviro, Philo Vance, Maria Luiza, Xis, Jocat, Mr. J. G. Reeder, Alguém, Raposa e Rocambóla (78); Reporter 8 e Detective Agúia (72); Artur Varatojo (70); Jorge (Beló) (67); Mário Arquês (62); Filipe José da Silva (59); Fanaína (52); Adolfo Lima (47); Beteira Soares (45); Jorna (37); Inspector Radar (30); Fernando Rosa e K'atou (10).

Com 9 pontos: Juvenal de Oliveira (72); Agente Koca Tudo (71); Fantomas (69); Licam (63); R. P. (67).

Com 7 pontos: Ordist, Mr. Dell, Erbeio e Dropé (71).

#### POSTA RESTANTE

Azedeo Moreira — Se quiser expor os seus pontos de discordância, terá muito prazer em lhe responder pessoalmente. Contei-lhe 10 pontos no problema n.º 6, cuja solução chegou atrasada.

Filipe José da Silva — Aproveito a sua carta para esclarecer dum maneira geral os concorrentes. As gravuras que acompanham os problemas podem ou não ter interesse para a solução. Cabe aos solucionistas verem com atenção, e concluir. Transmito os seus cumprimentos a Artur Varatojo, pelo companheirismo nestas andanças policiais.

#### CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

O nosso amigo Detective Agúia alivios que no II Torneio para o qual já tivemos o prazer de receber três problemas, a que nos referimos no próximo número, além da classificação individual, houvesse uma classificação colectiva.

Formar-se-iam, previamente, para esse fim, equipas de 4 concorrentes, obtendo-se a respectiva pontuação pela soma dos pontos de cada um dos seus componentes.

Aos concorrentes que estiverem de acordo, pedimos o favor de nos comunicar, a fim de nós os agruparmos, a escolha da sua parte a indicação de qualquer preferência na escolha dos companheiros de equipa.

As diferentes equipas serão assinaladas por denominações especiais, escolhidas por nós ou pelos próprios interessados.

## A VISITA DO REI DE CAMBODGE A FRANÇA

Sua Majestade Sika Nouk, rei de Cambodge, acaba de chegar a França.

Esta visita tem por fim estreitar os laços de amizade entre os dois países.

O rei assistiu a várias manifestações organizadas em sua honra e também às cerimónias comemorativas do «Dia V». a sua volta.

No foto: S. M. Sika Nouk assina o livro de ouro do Ano do Triunfo.



Estas são as Bicicletas Inglesas

# RALEIGH R DGE HUMBER

As bicicletas inglesas apetrechadas com Sturmey-Archer e com uma enrenagem para três mudanças são famosas em todo o mundo devido à sua qualidade e confiança. Os mais conhecidos artigos da industria inglesa de bicicletas são as máquinas que usam estes três nomes

AS BICICLETAS INGLESAS TEM A PRIMAZIA EM TODO O MUNDO

RALEIGH INDUSTRIES, LTD. NOTTINGHAM, ENGLAND



**PHILIPS**

**1946**

**JOSÉ COSTA**  
**AGENTE OFICIAL DA**  
**"PHILIPS"**

**11, RUA DE S. PAULO, 13 — LISBOA**

\*\*\*\*\*

## A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO GERAL DE ARTES PLÁSTICAS

**O PINTOR ARLINDO VICENTE  
 ESCLARECE ALGUNS OBJECTIVOS  
 DESTA CERTAME**

**O** pintor Arlindo Vicente é um dos mais expressivos temperamentos de artista da moderna geração.

Verdadeiro animador desta grandiosa exposição, onde figuram mais de cem artistas, o dr. Arlindo Vicente disse-nos o que, numa breve conversa, lhe ocorreu do significado do certame:

— A Exposição Geral de Artes Plásticas, assim chamada por ser uma Exposição global de todas as manifestações de estética subjectiva, deve realizar-se de 3 a 14 do mês de Julho, no Palácio das Belas Artes, à rua Barata Salgueiro. Este é o local indicado para tal certame, já pela magnitude da representação, quer em qualidade das obras, e porque elas não caberiam noutro qualquer sala que habitualmente tenha servido aquê fim.

E depois duma pausa:

— Exposição Geral de Artes Plásticas, quer dizer: Exposição de pintura, escultura, desenho, arquitectura, artes publicitárias e fotografia. Tudo ali se fará representar. E se não vêm todos os artistas, se faltam alguns nomes é sómente porque sempre assim aconteceu. E ainda bem...

E com um sorriso:

— De resto, a Exposição Geral de Artes Plásticas não tem outro objectivo que não seja o de ser efectivamente uma Exposição, e esta organizada pelos próprios artistas.

Mas, uma Exposição, não é o mesmo que uma festa de aniversário...

E evidente que não devemos esquecer nem occultar que os artistas que aqui expõem são artistas livres, isto é, artistas esteticamente libertos, com o direito de se realizarem integralmente e o direito de conjugar — realizadas as suas obras — os seus esforços para a maior cultura das massas populares.

Cabe aqui esclarecer que a mensagem trazida ao povo pelas últimas gerações de artistas — e quando se diz últimas gerações, pode dizer-se já pelas últimas do século XIX — parecia fechar-se e excluir a compreensão do povo.

O dr. Arlindo Vicente, que fala com vivacidade, voltou, depois dum novo cigarro aceso:

— Mais especialmente a partir dos impressionistas a mensagem parecia tornar-se hermética e afastar decisivamente a laboração do artista da compreensão das massas populares. Os anos e a experiência têm, no entanto, demonstrado que à maneira que o artista mais íntima e sinceramente se procura, através de todas as formas expressivas, mesmo das mais escuras, se vai alargando a compreensão pelo contacto com as classes populares. E são estas muitas vezes que aceitam por compreensão o que não podem aceitar as classes mais cultivadas.

Ora, neste caso, não sendo esta uma Exposição feita de obras consensuais ou utilitárias, ela está destinada a servir directamente a cultura popular e a ter assim uma função essencialmente populista. Os artistas têm de colaborar no descobrimento da humanidade, e assim é obrigação dos artistas portugueses trazer ao público, pe-



**DR. ARLINDO VICENTE**

ródicamente, as suas obras que tendam a criar a mais digna e livre independência, possam comunicar emoção e beleza o que as determine. Agora entende-se facilmente a diferença entre esta Exposição e as outras Exposições.

Esta é feita pelos artistas que ajudam para formar uma unidade — exposição — que pagam as molduras, os catálogos e trabalham lado a lado para levar ao fim a sua obra sem multas nem prêmios, nem imposições ou malquerenças, sem condições de trabalho ou habitações normal da vida artística.

Cada um fez o que pode, o melhor que pode.

Nesta primeira Exposição, ninguém cuidou mais de si do que da Exposição.

O ilustre artista, depois duma pausa prossegue:

— Pretendemos agora lembrar «Exposições dos Independentes» e tomar aquela tela que começava a urdir-se na primeira Exposição actual aproximadamente, vinte anos.

Os artistas ajudavam-se, defendiam-se, escaireciam-se...

Mas aquela tela perdeu-se. Fez-se segunda e terceira exposição. Desviaram outras soluções e desapareceram pouco a pouco a unidade entre os artistas plásticos. Vamos agora procurar tomá-la... E se tal se conseguir, com a de esperar, esta Exposição deve seguir-se, pois supomos que ela não será ser repetida, ao menos uma e por ano, com vantagens para exportadores e público.

Uma vez por ano, o mesmo grupo, mais alguns ou menos os que não puderem comparecer, virão comunicar suas mensagens ao povo, já aqui e Lisboa assim como noutras cidades onde faremos deslocar a Exposição.

Assim o público terá oportunidade de observar, num conjunto, as mais variadas tendências e caminhos plásticos.

Pode dizer-se que, aparte a unidade dada pelo tempo, cada artista segue seu destino estético, acentuadamente diferente dos outros. Há representações de todas as tendências, de todos os processos e de todas as idades.

Desde os adolescentes até aos que contam os anos por muitas dezenas.

Mas que são jovens daquelas que sabem marcar a idade da vida. Dos que têm juventude espiritual. Muitos muitos nomes.

São aproximadamente cem exposições com mais de 500 obras de arte. Excede tudo quanto até agora se fez. Temos, portanto, a sua presença, os maiores nomes portugueses.

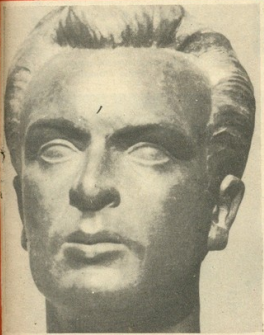
E com um sorriso de confiança: — E este seu orgulho lá estará com alguns retratos de 1941. Pertencem a uma série própria. Noutras exposições virão obras mais recentes e também algumas mais antigas. E agora aguardemos o resultado. Não basta só andarmos para aqui, só com boas ideias e de cécoras com as palavras amáveis dos estrangeiros simpáticos. Temos de fazer alguma coisa, como não houvesse estrangeiro...

Despedimo-nos de Arlindo Vicente e melhor do que nós, está falando o público do êxito do grande certame.

# 3 ARTISTAS MODERNOS



**MAGALHÃES FILHO** um dos mais expressivos representantes da moderna geração de artistas, acaba de alcançar, na sua exposição do Porto, um êxito invulgar. A crítica teve ao artista, em termos elogiosos, as melhores referências. Pelo salão da Livraria Portuguesa, na cidade invicta, desfilou a melhor sociedade portuguesa, que admirou as obras expostas — e que representam o esforçado labor dum pintor moderno, que sabe servir a Arte com todos os anseios e paixões.



**JOSÉ FARINHA** no Salão da Primavera apresentou, também, uma valiosa contribuição artística, que dia a dia o vem afirmando na primeira linha dos escultores portugueses. Esta expressiva cabeça do poeta Carlos Alberto Lança, vigorosa e bela, é um dos trabalhos que melhor atestam as reais qualidades de José Farinha.



**MÁRIO DE OLIVEIRA** que está por Espanha, tem feito no país vizinho exposições que são autênticos êxitos. Nesta, recente, numa das salas de exposições do Museu de Arte Moderna, de Madrid, só de desenhos, Mário de Oliveira teve de receber os melhores elogios da crítica e do público. Aqui reproduzimos um dos quadros expostos.



AS DUAS PROFESSORAS DO JARDIM INFANTIL — SÃO DOIS SORRISOS QUE ENCANTAM AS CRIANÇAS

## UM JARDIM INFANTIL MODELAR

**N**o ambiente de envolvente ternura, onde se ri e brinca, uma vintena de crianças estão a ser educadas, num Jardim Infantil, ali ao Conde Redondo, logo à entrada da rua Luciano Cordeiro.

A moderna pedagogia tem ensinado, persistentemente, que a criança deve ser educada pela intuição natural. Não pode haver métodos rígidos na orientação desses cérebros infantis, com uma psicologia própria, rebelde por vezes, mas sempre voluntariosa.

Maria Montessori, essa sublime educadora italiana, cuja vida inteira foi um apostolado pela criança, lutou, anos consecutivos, contra a rotina dos velhos compêndios escolares — e fez, pode dizer-se, uma verdadeira revolução pedagógica. Foi ela a primeira mulher italiana que seguiu um curso de medicina — e que, pela feroz paixão da criança, se entregou, abertamente, ao ensino das crianças dentro de processos novos. A sua pedagogia tenta, finalmente em síntese, deixar a criança continuar a sua vida. Não a desvia do caminho — não a arredea das realidades.

Lendas, papões, embruinhadas místicas onde o cérebro infantil se debate até encontrar a clareira da adolescência que já então lhe expõem certos fenômenos, estão fora da sua pedagogia.

Montessori compreendeu que nada se deve negar à criança. Tudo nela é inquietação e curiosidade. Devese, por consequência, envolvê-la num ambiente próprio, que é sinal o ambiente que o adulto lhe quer tirar. Os olhos dum criança não devem ser ludibios, antes pelo contrário — a cor da realidade, o impressionismo verdadeiro da paisagem humana e dos objectos, sem nevoeiros de fantasia, vão acostumando a criança a interpretar a vida. Eis assim porque este Jardim Infantil é diferente de tantos que existem. Tudo nele é espontâneo. Um gesto, uma fala, têm razão de ser.

Montessori dizia que a criança deve mexer em tudo que a impressione. Evidentemente que

este tuão está dentro do ser ambiente da sua vida de curiosidade.

Tudo o ensino, por meio de jogos, é ministrado por duas distintas professoras — uma delas com o curso das Belas Artes, artista de valimento — Mirella Negrelli e Miriam Moskovic, italiana e tcheca, respectivamente.

São duas artistas encantadoras, jovens, que nasceram para ensinar crianças — e que sentem, pelas alunas, uma ternura e um carinho sem limites. Mais de trinta crianças recebem no Jardim Infantil da rua Luciano Cordeiro a sua educação.

As aulas começam logo de manhã. Tem ginástica rítmica, cores falados ao piano, canções próprias para a idade.

Depois, numa sala maior, com mesinhas onde nada falta, desde os lápis de cor às agulhas, desenham, riscam, entretêm-se. O Jardim Infantil, apesar de ter ainda só um ano pode ser já apontado como uma instituição modelar neste género de educação pré-escolar. Cuidadosamente tratadas, as crianças vivem num ambiente acolhedor, onde, pela fraterna camaradagem, se esquecem da escola que as vai ensinando, e é um enlevo ver aquele rancho alegre, rir, bater palmas, como se a vida fosse sempre uma alegoria de festas!

Quantas vocações, quantas inteligências não há-de brotar daqueles cérebros que hoje do mundo nada sabem!

E quantas vezes, nesta educação pré-escolar, a criança não revela logo verdadeiramente o que dentro dela anda a germinar?

Eis, assim, porque estes Jardins Infantís têm uma finalidade a cumprir: encaminhar vocações e corrigir defeitos.

Só num ambiente onde a criança possa acamarar — ela se mostra, por isso, o que o Jardim Infantil vê sempre, por isso, o que os olhos dos pais, por amor, se esquecem de ver...



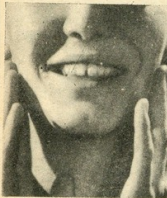
Um aspecto da linda exposição: alguns apetrechos de ensino

No recreio, as crianças dão largas à sua alegria, a companhia dos seus professores

COM



O creme das grandes desportistas



Sendo o creme de barbear do maior categoria internacional é o mais económico, pois cada tubo é suficiente para 30 ou 40 barbas. Todas as grandes desportistas do Mundo preferem o creme «LEA», que evita as resilhas e asperezas da pele, deixando-a muito macia.



COM «LEA» É UM PRAZER BARBEAR-SE COM «LEA» É LÂMINA DURA MAIS COM «LEA» É PELE E T.O.A. MACIA USANDO «LEA» NÃO HÁ BARRA DIFÍCIL.



O SEGREDO DA LONGEVIDADE  
Está em ter bom Estômago

Não permita que os incoômodos da digestão perturbem o seu bem-estar. Se, depois de comer, surgir a cólica, a flatulência ou a azia, não deixe de tomar um pouco de Magnésia Bisurada. Neutraliza prontamente o excesso de acidez, que é a causa de muitas perturbações gástricas, e ajuda o seu estômago a desempenhar-se das suas funções, de uma maneira normal e sem dor.

DIGESTÃO ASSECURADA  
com  
MAGNÉSIA  
BISURADA

À venda em lojas as farmácias, a 15 \$00 e 23 \$00, pó ou comprimidos.



Seu vaidoso!

## POUCAS PALAYRAS

Porque será que raramente nos encontramos com a pessoa que procuramos e tropeçamos sempre com a que nem queremos ver!...

\*\*\*

O mundo marcha — girando. Por isso as coisas voltam... \*\*\*

Toda a extravagância, afinal, é um protesto contra a vulgaridade... \*\*\*

No casamento, a mulher nunca deve esquecer que o estômago é um dos caminhos para chegar ao coração... \*\*\*

Não é prudente romper a pele ao tambor para ver donde vem o ruído... \*\*\*

O homem sintetiza; a mulher — detalha... \*\*\*

As vezes, em busca do melhor pode perder-se o bom... \*\*\*

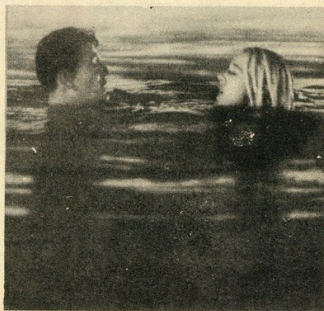
Há questões que são como os porcos: quanto mais se cavam, mais escuridão se encontra...



EM CIMA: Estes chapéus modernos são horríveis!...  
EM BAIXO: O comandante dum submarino declara-se à mulher dos seus sonhos...



O espelho ideal para os alfaiates...



# TIT-BITS

## A ESCRITORA E O TOUREIRO

UMA jovem escritora escreveu ao toureiro Albalcan uma extensa carta em que pedia que lhe contasse os episódios mais importantes da sua vida, para fazer um filme que se destinava a obter celebridade em todo o mundo.

— Você — dizia a escritora — deve ter muitas coisas interessantes para contar! Com elas e com a minha imaginação, construírei um argumento estupendo!.

O toureiro respondeu, também por escrito:

— Se quer saber alguma coisa da minha vida, vá ver-me tourear. É a única coisa importante que posso oferecer à curiosidade do público! Com isso e com a imaginação que diz possuir, faz, com certeza, um magnífico argumento sobre a minha vida!...

# COLOMBA E CINEMA FRANCÊS

(Continuação da página 4)

texto da acordo — se estando a vigorar a quota de 3 e 10, ao fim de dois anos se verifique que a média das semanas de exibição de filmes franceses foi igual ou superior a cinco por trimestre.

Como era de calcular, a indústria cinematográfica recebeu este acordo com pessimismo. O Secretariado de Informação, depois de ter sublinhado que o contingente francês é mais favorável à indústria nacional do que o inglês, acrescentou: « Assim, embora o número de quatro semanas à primeira vista se afigure insuficiente, não nos devemos esquecer de que está nas mãos do produtor francez a possibilidade de criar obras de qualidade, capazes de conquistar lugar nos circuitos francezes no período das nove semanas de livre concorrência. »

Todos pareciam de acordo em que o cinema francez necessita desse estímulo, como factor de aprimoramento de qualidade. Mas a verdade é que a concorrência do cinema americano se apresenta perigosa, não só pela crise económica da industria nacional, como pela fórmula tradicional da América quando trata de vender os seus filmes: são qtuizes levar quatro ou cinco filmes bons, terás que exhibir mais de dez filmes ruins no período das nove semanas de livre concorrência. Os americanos, portanto, costumam fazer contratos de programação em bloco, todas as semanas que não sejam as obrigatoriamente reservadas do cinema francez. Além de que — assevera outra voz — como o Franca vai ser invadida por filmes realizados nos últimos anos e que já se encontram pagos — pela sua exploração no mercado mundial — os distribuidores americanos jogam ainda com a vantagem de poder competir em preço e condições de ataque.

« O cinema francez está no limiar duma nova era — escreve «L'Écran Française» — e era da luta contra a anemia que o ameaça e da asfira progressiva. Precisar-se de manter e fomentar uma produção de boa qualidade. Os primeiros passos para conseguir tal finalidade já foram dados. O governo francez parece disposto a encarar o problema de frente. Os créditos para a industria foram aumentados de 200 para 300 milhões de francos. Prevê-se o equipamento dos estúdios com material de primeira ordem. Pensam seriamente na organização da industria para o filme a côr. O Inquérito que «Paris-Cinema» organizou junto dos chefes dos três grandes partidos, da França — M. R. P., Socialistas e Comunistas — mostrou que todos encaram o cinema não só como um dos grandes veículos espirituais de França, mas também como uma das primeiras industrias da França e a primeira do mundo. Os franceses sabem, assim, nas mãos dos homens que têm a missão de o continuar. E mais do que de todas as imitações, dependerá, acima de tudo, do estabelecimento político da França, que lhe dará os meios necessários para elaborar e desenvolver os planos de que necessita para voltar a ser aquilo que foi. »

De resto, o cinema francez ficou ainda com o melhor dos seus valores: o gênio latino dos artistas que o servem. Um valor intacto, livre de contingências, fora de todos os acordos que o dólar não pode comprar e que a Europa, por muito que necessite da América — não pode alienar, sem vender.

## Novidade!!...

### EMBROIDINE-BATH

#### Banho de Beleza-Estética

Um banho perfumado, tónico, calmante, higiénico e suave, amacia a pele, robustece os músculos, harmoniza as linhas, suaviza os contornos e equilibra a secreção dérmica.

Se teme perder a elegância, engordando, ou ver a sua derme envelhecer, torturada pelos anos, use este Banho de Beleza — Estética, aconselhado pelos médicos da América do Norte.

### EMBROIDINE-BATH

#### Banho de Beleza-Estética

## É MAIS UMA ESPECIALIDADE BIOLÓGICA DOS EMBROIDINE LBS. OF N. Y. C., INC.

O livrinho elucidativo sobre «Embroidine-Bath» envia-se gratuitamente. Um franco 30800.

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos — Rua Santo Afonso, 29-Porto — Distribuidores no Continente: António Ferreira Pinto, Ltd. — Rua dos Correios, 123-1. — Lisboa.

Porque é que o seu médico aconselha Sulfadentina?



Porque usar Sulfadentina representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes são como nenhuma outra.

# CELEBRE

(Continuação da página 3)

— Boas sardinhas! Como me sabem bem!

Comeram, beberam, comtaram em abençoada nova fraternidade de colegas à mesa. Mousinho estava no seu elemento. Ria e falava alto. As tantas, no auge do entusiasmo, surgiu uma guitarra. Cantou-se o fado, e Mousinho também guinchou uma quadra dum sabor mais que brejeiro.

Depois como estava em moda nas alfurças, bateu-se o fado, num desalgarimento brejeiro.

Estavam todos extumescidos, os olhos brilhantes, o cérebro tumultuoso.

— Vamos variar! — ordenou Zé Freitas.

Sairam.

Um grupo de curiosos estacionava perto e pretendia imbuir-se. Eram rapazes finos da terra que queriam compartilhar da noite memorável. Um deles chamou José Freitas e bechano-ou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Eu vou falar-lhe, mas não sei se estárê pelos ajustes!

— Não! Não! Não! — cortou Mousinho com desbarimento, mal o mediano despachava a incumbência.

Marcharam pela rua da Piedade fora, viraram às Aimas, seguiram pela rua do Martim Vieira e tornejaram à Vieira da Palha.

Havia aí um tasquinho manhoso, célebre pela esbelteza da taberneira que, com picante vinho de Fátima, vendia também os beijos da sua bôca bonita a quem lhe merecesse simpatia.

Voltou a correr o meter das pipas. Os cantos e os risos soaram mais alto.

— Linda mulher! Linda mulher! — dizia, embasbacado, o herd.

E ela olhava-o também com os olhos muito ternos.

As tantas, um e outro sumiram-se, como por encanto, por detrás duma cortina de chita de ramagens.

As quatro horas, batidas no sino da igreja matriz, vieram encontrar outra vez o grupo sob o palor das estrelas, recém-saído da vendinha amável e hospitaleira.

— Com um milhão de diabos — berrou Mousinho, dando um murro na testa. — Não me esqueço do principe!

Apresados, dirigiram-se todos para o Hotel Europa.

D. Luis Filipe velava ainda. Ouvindo ruído no pátio, saiu ao pé das escadas e, abanando a cabeça de consagração, viu o alto subir a escadaria cambaleando, muito amarrado ao corrimão.

O resto da malta esperava em balcão, e em silêncio.

Viram que os dois trocaram meia dúzia de palavras em voz baixa. O principe recolheu ao quarto e Mousinho voltou a reunir-se ao grupo.

— Feita o conhaque e os licores! Vamos a eles!

Seguiram para o café da Maria da Lux, na Praça.

— Fechem lá essas portas, caramba, e digam àqueles banqueiros que se ponham a andar! Isto está por nossa conta!

O grupo que os seguia engrossara pouco a pouco.

Mais uma vez os homens que o compunham tentaram fazer uma mais desistiram ante a formal, brusca e pouco correcta recusa de Mousinho. E contentaram-se em espertar pelas frinças das portas...

Mais tarde, já o sol se preparava para nascer, Mousinho foi levado ao hotel pelo braço de José Freitas que, durante toda a noite, se manteve atento, adôro, como um vintinho capitão que não quer deixar mal o seu barco.

Mas Mousinho não devia ter dormido. Mergulhou, talvez, num banho frio...

Pouco depois, pelas oito horas, lá estava ele, hirtó e carrancudo, a acompanhar o principe na visita à montanha de Santa Luzia, onde os esperavam as autoridades e onde o principe se interessou pelas ruínas dum povoado pre-histórico que lá existe.

Voltando à cidade, após um curto passeio, a recepção na Câmara Municipal e o almoço, partiram no comboio para Cumbrão, Alentejo, Monção, Arcos de Valdevez, e novamente a Ponte de Lima, de onde regressaram a Braga, fazendo parte da jornada a cavalo.

E acabou a viagem — e a história.

JOSÉ ROSA DE ARAÚJO

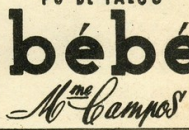
# QUE FAZER PARA ALIVIAR PÉS DORIDOS

Para obter um bem-estar imediato e para desbarancarse de todos os sofrimentos, façam o seguinte: Ponham uma mão cheia de Saltratos Rodel em água e metem nela os seus pés doridos. Este banho leitoso faz desapercecer imediatamente a dor, e suprime o inchaço. Os calos e calosidades amolecidos tiram-se facilmente sob a pressão dos dedos. Seus pés ficam descansados. Hoje mesmo um banho aos pés com Saltratos Rodel. Amanhã pé enovos. Em todas as farmácias e drograrias. Preços módicos.



## Defenda a pele do seu filho...

com **PO DE TALCO bebé** M. Campos



## A SUA OBRIGAÇÃO DIÁRIA

É cuidar dos seus intestinos. Tome LAXOBAC ao deitar e, logo pela manhã, os seus intestinos trabalharão com regularidade normal. «Laxobac» tem o gosto do mais sabroso chocolate, que tanto agrada a adultos e a crianças.

## LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5550 e 12500 cada caixa. Lembre-se do nome.



**ESTE É O MUNDO EM QUE VIVEMOS...**  
**MILHÕES DE PESSOAS**  
**MORREM DE FOME NA CHINA!**



O que uma família chinesa come: cascas de arroz, ervas e argila para conduto!

**A** fome, o dragão de sete cabeças, está matando os pobres chineses aos milhões! A província de Hunan, a que os chineses chamavam «a tjeira de arroz da China», é uma das regiões mais atingidas. Cerca de 10.000.000 dos seus 27.000.000 de habitantes, alimentam-se de ervas, cascas de arroz e argila, a que eles chamam «a deusa da compaixão!»

A argila serve para dar consistência às ervas e à casca de arroz, mas de pouco vale.

A aldeia de Chi Hó, no Hunan, tinha 140 habitantes, e agora só tem 80. Uns morreram de fome, outros foram mendigar para a cidade vizinha de Hengyang.

Ninguém tem força para trabalhar, os búfalos foram comidos pelos japoneses e os camponeses, exaustos, têm de puxar os arados ou de cavar a terra à «xada». A maior parte dos campos estão por cultivar.

Tudo isto parece estranho. Todas estas fotos parecem ter chegado do outro mundo, um mundo de tragédia e de egoísmo, onde a fraternidade e a caridade não existem...

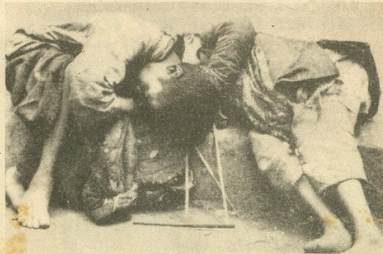
Mas não. Este é, com certeza, o mundo em que vivemos!...



Reparem no ar de tristeza com que este rapaz pede arroz. Mas há-de morrer como os outros, porque ninguém lhe dará sequer um punhado!



Este morre sobre dólora inuteis da inflação!



Doas crianças, numa trágica camaradagem, morrem de fome uma ao lado da outra

**DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO \* EDITOR: PEDROSA MARTINS**  
**PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA**

\* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2. \* LISBOA \* TEL. 2.5844 \*  
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRAFICAS BERTRAND (IRMAOS), L. \* T. DA CONDESSA DO RIO, 27